

Indústria & Competitividade

FIESC

Nº 31 > Julho > 2023



A NOVA FASE DA GLOBALIZAÇÃO

Foco na redução de riscos de fornecimento abre oportunidades para a indústria de Santa Catarina no mercado mundial

DESCARBONIZAÇÃO

Indústrias lucram inserindo a economia verde em suas estratégias

SEM TRANSTORNOS

Promoção de saúde mental reduz absenteísmo e eleva produtividade

INCLUSÃO SOCIAL

Cresce a ressocialização de presos por meio do trabalho em Santa Catarina

Ajustes para aproveitar as oportunidades

A economia mundial passa por transformações estruturais, o que abre grandes oportunidades para a indústria de Santa Catarina. A percepção de que as cadeias de valor estavam excessivamente concentradas na Ásia colocou em marcha um processo de reordenamento global da produção. A busca de empresas e países por fornecedores múltiplos e confiáveis, em lugar de asiáticos, coloca o Brasil no mapa da indústria novamente – o País já foi mais relevante na produção industrial mundial, mas perdeu espaço nas últimas décadas. Santa Catarina, um estado industrializado e com tradição em comércio exterior, está bem posicionado para uma retomada.

Outra grande transformação em curso é a descarbonização da economia. Há enormes volumes de recursos – contabilizados em trilhões de dólares – sendo investidos ou à procura de bons projetos associados à chamada economia verde. O Brasil possui uma série de vantagens na corrida pela descarbonização, em função de seus recursos naturais e matriz energética limpa, dentre outras qualidades. Pode se tornar produtor e fornecedor internacional de energia limpa, de sistemas de armazenamento de energia e também ampliar o fornecimento de produtos sustentáveis de base florestal, por exemplo. O País também possui as melhores condições para realizar a sua própria descarbonização, zerando as emissões líquidas.

Para aproveitar as oportunidades, entretanto, não adianta esperar que elas caiam em nosso colo. O País precisa realizar uma série de ajustes e reformas para reduzir custos e elevar a competitividade da indústria, pois somente dessa forma se tornará mais atraente para investimentos em projetos envolvendo as tendências de “nearshoring” (localização de fornecedores em regiões próximas ao consumo) e economia verde. O encaminhamento da Reforma Tributária na Câmara dos Deputados é um passo importante, pois vai descomplicar o sistema e promover mais justiça ao desonerar as cadeias produtivas longas e complexas, atualmente as mais penalizadas.

Porém, mesmo com esse avanço, a lista de itens que compõem o “Custo Brasil” é longa, da mesma forma que a construção de uma Política Industrial consistente é crítica. Conforme afirma o industrial Carlos Rodolfo Schneider na entrevista principal desta edição, nossa defasagem é tão grande em relação às economias mais eficientes que não podemos perder o foco na realização de ajustes.



Mario Cezar de Aguiar
Presidente da FIESC

R\$ 4,5 BILHÕES EM INVESTIMENTOS

UMA NOVA ENERGIA PARA SANTA CATARINA

A Celesc e o Governo de Santa Catarina estão fazendo o maior investimento da nossa história. Com ele, teremos:

- Energia trifásica chegando mais longe, para aumentar a produtividade no campo e atrair novas empresas para o interior.
- Indústrias mais eficientes e competitivas.
- Cidades inteligentes, com alta qualidade no fornecimento de energia.
- Novos corredores elétricos, preparando Santa Catarina para o futuro.
- Mais energia na casa dos catarinenses, com mais qualidade.

Assim, Santa Catarina inaugura um novo ciclo de crescimento e fica mais bem preparada para seguir avançando.

6 ENTREVISTA

Rankings internacionais de competitividade colocam o Brasil nas últimas posições. Uma das causas é o gasto ineficaz do setor público, diz o industrial Carlos Rodolfo Schneider, especialista no tema. Ao arrecadar muito e gastar mal o Governo prejudica o empreendedorismo e presta serviços ruins

10 SAÚDE

Uma a cada cinco pessoas ocupadas no Brasil sofre de transtornos mentais, o que as faz perder uma média de 51 dias de trabalho saudável por ano. Empresas buscam enfrentar o grave problema com a implantação de programas de promoção de saúde mental nas fábricas

20 INOVAÇÃO

O Projeto Gene, uma parceria entre a BiomeHub e o Instituto SENAI de Inovação em Sistemas Embarcados, permite diagnosticar precocemente duas doenças genéticas degenerativas: a Distrofia Muscular de Duchenne (DMD) e a Atrofia Muscular Espinhal (AME), diminuindo o sofrimento dos pacientes

42 ECONOMIA VERDE

Descarbonização é megatendência global capaz de ancorar um ciclo de avanços para a indústria. O País tem diversas vantagens na produção de energia verde e também para a própria redução de emissões. Entraves passam por definição de políticas como regulamentação do mercado de créditos de carbono



SHUTTERSTOCK

24 INDÚSTRIA

Após décadas de ascensão industrial asiática, percepção de risco e geopolítica deslocam cadeias globais de valor, favorecendo fornecedores mais próximos e confiáveis em relação ao Ocidente. É uma oportunidade para Santa Catarina, mas o sucesso depende de ambiente de negócios favorável à atração de investimentos e ganhos de competitividade



ADOBESTOCK

62 PESCA

A saga do Cordeiro de Deus, um barco especializado na captura e processamento a bordo dos valorizados camarões-carabineiros, pescados em profundidades de até 1 mil metros. A embarcação foi construída em plena pandemia, com elevação de custos, e correu o risco de nem sair do estaleiro



DIVULGAÇÃO

50 PERFIL

Felipe Hansen é neto e filho de dois ícones da indústria brasileira, João e Cau Hansen. À frente do grupo controlador da Tigre, que tem 24 fábricas em 10 países, Felipe firmou parceria bilionária com fundo internacional e quer seguir crescendo com a expansão do mercado de saneamento do Brasil

54 INCLUSÃO

Ressocialização de presos por meio do trabalho em unidades industriais erguidas dentro de penitenciárias cresce em Santa Catarina, proporcionando renda e redução de penas para os participantes. Uma nova legislação, entretanto, impõe mais exigências e custos para empresas

66 ARTIGO

Paulo Hartung, economista, presidente executivo da Indústria Brasileira de Árvores (IBÁ), membro do Conselho Consultivo do RenovaBR e ex-governador do Estado do Espírito Santo (2003-2010/2015-2018)



Presidente
Mario Cezar de Aguiar

1º Vice-Presidente
Gilberto Seleme

Diretor 1º Secretário
Edvaldo Ângelo

Diretor 2º Secretário
Ronaldo Baumgarten Junior

Diretor 1º Tesoureiro
Alexandre D'Ávila da Cunha

Diretora 2ª Tesoureira
Rita Cassia Conti

Diretoria executiva
Alfredo Piotrovski
Carlos José Kurtz
Fabrício Machado Pereira
José Eduardo Fiates

Indústria & Competitividade

Direção de conteúdo e edição
Vladimir Brandão

Jornalista responsável
Elmar Meurer (984 JP)

Edição de arte
Luciana Carranca

Produção executiva
Maria Paula Garcia

Revisão
Lu Coelho

Distribuição
Filipe Scotti

Colaboradores da edição
Fabrício Marques, Leo Laps,
Maurício Oliveira e Mauro Geres

Apoio editorial
Dami Radin, Elida Ruivo, Filipe Scotti,
Ivonei Fazzioni e Jaison Henicka

Capa
Luciana Carranca
(imagem: Adobestock)

Comercialização
VBC Conteúdo

imprensa@fiesc.com.br
(48) 3231 4670
www.fiesc.com.br



www.vbcconteudo.com.br

O alto custo da ineficiência

Em junho o International Institute for Management Development (IMD) divulgou seu ranking de competitividade de países. O Brasil ficou na 60ª posição entre 64 economias avaliadas, em função da baixa eficiência do Governo, ambiente de negócios e infraestrutura. Os fatores são intimamente relacionados, conforme demonstra **Carlos Rodolfo Schneider**, dirigente do Grupo H. Carlos Schneider. Ele esteve à frente do Movimento Brasil Eficiente, que criou subsídios e apresentou propostas concretas para melhorar a situação fiscal do País. O Movimento foi encerrado, mas suas causas permanecem atualíssimas.

Qual é a relação da ineficiência do setor público com os fracos resultados econômicos do País?

Por definição, a eficiência do gasto do setor público é inferior à eficiência do gasto privado, até mesmo pelas necessárias amarras e controles existentes no setor público. Isso significa que quanto mais recursos forem transferidos da sociedade para o Estado, maior é a ineficiência na alocação dos recursos do Brasil. Nas últimas décadas a carga tributária subiu de 25% para 35% do PIB, enquanto os investimentos baixaram de 25% do PIB nos anos 1990 para 15% a 18%. Nossa produtividade e competitividade são baixas devido a fatores interligados, como baixa taxa de investimentos, alta carga tributária e baixa disponibilidade de poupança interna, que é capturada pelo setor público.

É possível falar em redução do setor público atualmente?

A escolha não é entre estado grande ou pequeno, é entre estado forte e ágil, que apoia os agentes econômicos, versus

estado obeso e ineficiente, ainda que o grande seja pouco amigo do eficiente. O Brasil tem a maior carga tributária entre os países em desenvolvimento e a pior relação do planeta entre impostos cobrados e retorno à sociedade – vários estudos já demonstraram isso. Impostos foram criados para o Governo prestar serviços à sociedade, mas hoje são majoritariamente usados para manter a máquina pública, que consome perto de 20% do PIB. O Estado precisa aprender a gastar com mais eficiência a enorme quantidade de recursos que arrecada. O avanço neste ponto seria gastar melhor, e não mais. O gasto em educação, por exemplo, é de 6% do PIB, mais do que países com colocações melhores no Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA). Nós estamos entre os últimos. O gasto é pouco eficiente também em saúde, segurança e várias áreas onde o Estado atua.

O que esperar da Reforma Tributária?

Em primeiro lugar a simplificação de estrutura, que é caótica. A simplificação

talvez agora ande, mas outro ponto é a redução da carga tributária – é importantíssimo falar disso depois. Para baixar tributos tem que reduzir o gasto público, o que não se viabiliza sem a reforma administrativa. Deve-se pensar nela sem demora.

Por que é tão difícil realizar reformas?

A sociedade tem dificuldade para fazer escolhas, como se estamos dispostos a fazer sacrifícios de curto prazo para colher resultados no futuro. Outra dificuldade é que todos são a favor de reformas, desde que não mexam com os seus direitos. A Constituição de 1988, com muitos direitos e poucas obrigações, foi uma escolha que nos cobra um preço: o crescimento do País é muito menor do que poderia ser. Outro ponto é a falta de senso de urgência, o hábito de procrastinar mudanças. Por exemplo, a falta de regulamentação de vários artigos da lei de responsabilidade fiscal editada no ano 2000. A lei prevê a criação do conselho de gestão fiscal, que seria um xerife das contas públicas. No Movimento Brasil Eficiente propusemos a criação do Conselho, que se tornou projeto de lei do senador Paulo Bauer aprovado por unanimidade no Senado em 2015. Porém, na Câmara dos Deputados sofreu alterações que precisam ser revistas. A gente acaba lutando pelas mudanças politicamente possíveis, este é até um termo corriqueiro hoje em dia no Brasil, e pouco se comenta sobre o que é realmente necessário. É lógico que em um regime democrático as mudanças devem ser negociadas, mas temos nos conformado com avanços modestos.

O que é politicamente possível mudar no momento?

O Estado tem que ter um gasto menor. Se transferirmos mais de 30% do PIB

“A sociedade tem dificuldade para fazer escolhas, como se estamos dispostos a fazer sacrifícios de curto prazo para colher resultados no futuro”



DIVULGAÇÃO

já estamos fazendo uma escolha, mas o Estado pode fazer um esforço para gastar melhor. Toda vez que se fala em obter recursos no Brasil a questão é quem vai pagar mais impostos, mas não se fala em cortar gastos. No Movimento propusemos a criação de uma Secretaria da Despesa Federal, que poderia ser formada por quadros da Receita Federal, para não onerar o Estado. É gente muito capacitada que poderia ajudar o País a gastar melhor.

Também é fundamental rever regras orçamentárias para não sacrificar investimentos. Praticamente 95% do orçamento é gasto obrigatório, não sobra para investimentos. Outro ponto é a crescente ingerência do legislativo no orçamento público sem ter a responsabilidade de equilíbrio das contas, que cabe ao executivo. Deveria se estabelecer modelos em que todos respondessem pelo equilíbrio.

“No Brasil e em outros países o aumento de gastos via aumento de tributos tem gerado resultados muito mais tímidos do que redução de gastos com aumento de eficiência”

Visões políticas sobre desenvolvimento econômico levam o País para qual direção?

A PEC da transição autorizou gastos extras de mais de R\$ 150 bilhões, o que mostra tendência a gastos. O pretexto eram os compromissos sociais de campanha, mas o valor ficou muito acima disso, então a PEC foi muito mais um guarda-chuva para permitir ao Governo gastar sem priorizar. A preocupação com o social e o crescimento para gerar empregos é legítima, sem dúvida, mas a forma de promover isso é que faz toda a diferença. No Brasil e em outros países o aumento de gastos via aumento de tributos tem gerado resultados muito mais tímidos do que redução de gas-

tos com aumento de eficiência. O que sustenta crescimento sem inflação, o chamado PIB potencial, é investimento em infraestrutura, pesquisa, inovação, promoção internacional. Enquanto não fizermos ajustes para elevar o PIB potencial continuaremos com altos e baixos, repetindo voos de galinha.

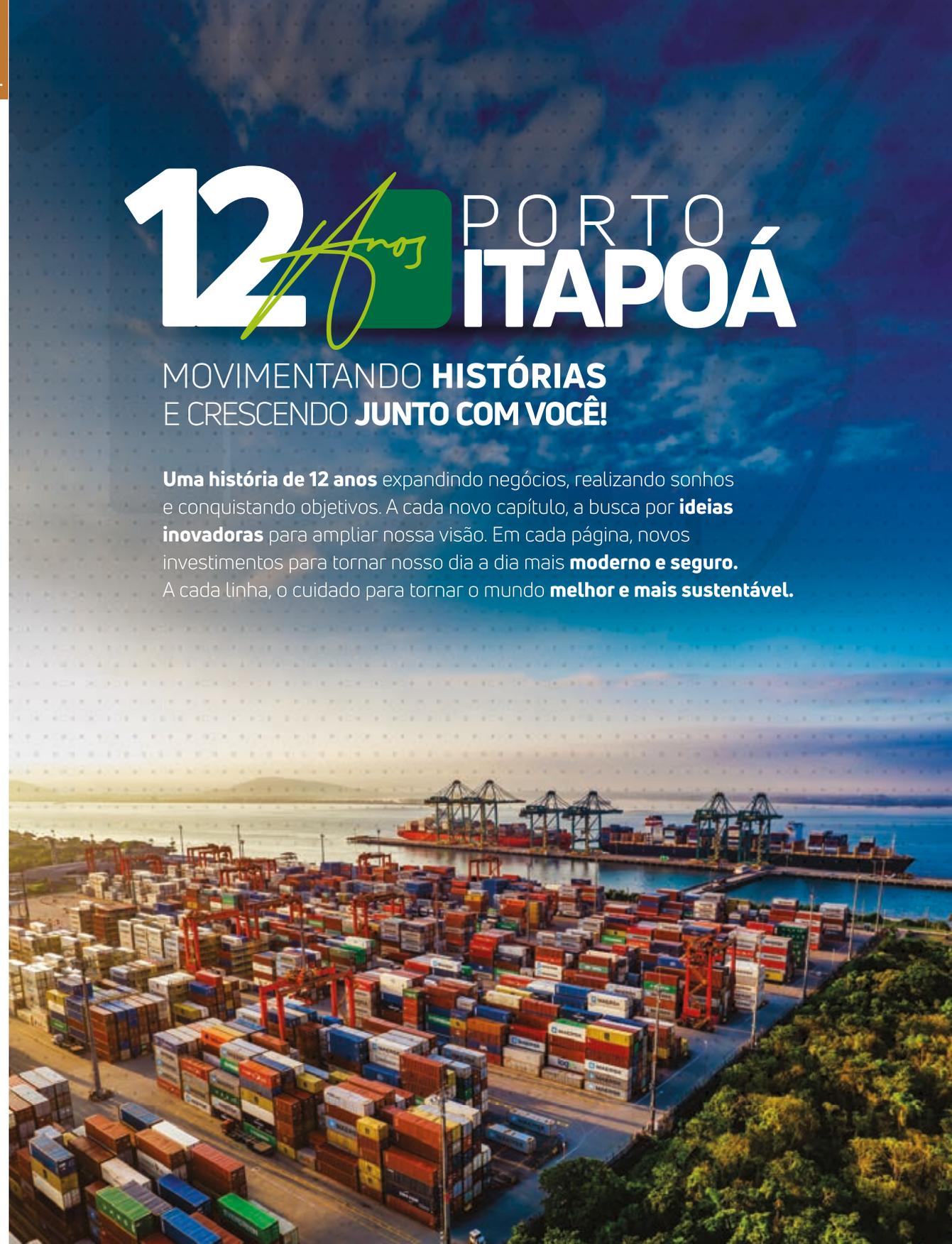
O que fazer para melhorar o ambiente?

Reformas micro e macroeconômicas. Muitos problemas podem ser resolvidos com reformas infraconstitucionais, como vem acontecendo nos últimos anos com a independência do Banco Central, Lei da Liberdade Econômica e privatização da Eletrobras, por exemplo. Também houve reformas estruturantes, como a trabalhista e a previdenciária. Mas nossa defasagem é tão grande em relação a economias mais eficientes que temos de continuar com foco muito grande nos ajustes. Não basta sermos competitivos onde há vantagens comparativas como o agro, até porque cada setor tem o seu papel na economia, e a indústria é o setor que mais agrega produtividade. Em 1980 a capacidade industrial do Brasil equivalia à da China, Tailândia, Malásia e Coreia do Sul juntas – veja só o recuo. Hoje o valor adicionado pela indústria no PIB é de 10,2%, contra 22,9% do conjunto de países de renda média ao qual pertencemos. Isso é resultado, em grande parte, da queda de investimentos da indústria de transformação, que era 28% do total em 2008, mas recuou para 15%. A crescente dependência do agro, sem desmerecer a sua importância, nos torna dependentes dos ciclos de commodities, o que não está no nosso controle. A boa notícia é que o controle do futuro depende somente de fazermos a lição de casa. IC

12 Anos PORTO ITAPOÁ

MOVIMENTANDO HISTÓRIAS E CRESCENDO JUNTO COM VOCÊ!

Uma história de 12 anos expandindo negócios, realizando sonhos e conquistando objetivos. A cada novo capítulo, a busca por **ideias inovadoras** para ampliar nossa visão. Em cada página, novos investimentos para tornar nosso dia a dia mais **moderno e seguro**. A cada linha, o cuidado para tornar o mundo **melhor e mais sustentável**.



Fábricas de acolhimento

Uma a cada cinco pessoas ocupadas no Brasil enfrenta problemas relacionados à saúde mental. Empresas percebem o problema e seus impactos e se estruturam para ajudar os colaboradores a superarem os transtornos

Por **Fabício Marques**



Dados do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS) indicam que os transtornos mentais são a terceira maior causa de afastamento do trabalho no País: no ano passado, 209.124 brasileiros tiveram que interromper suas atividades profissionais para tratar doenças como ansiedade e depressão. O patamar é superior aos 200.244 afastamentos registrados no ano anterior. A percepção de que a pandemia tornou mais aguda a incidência de problemas psicológicos e psiquiátricos em trabalhadores levou o SESI/SC a lançar em 2021 um conjunto de soluções para ajudar as empresas a lidarem com a situação, que incluem oferta de atendimento psicológico, workshops e treinamento para gerentes e lideranças, campanhas de conscientização e criação de ferramentas de avaliação e monitoramento do ambiente de trabalho.

O balanço da iniciativa é positivo. Mais de 50 empresas catarinenses de todos os portes estabeleceram parcerias com o SESI/SC e mantêm hoje programas para acolher funcionários com transtornos emocionais e auxiliá-los a superar a crise e se recuperar. O objetivo é reduzir o sofrimento dos colaboradores e prevenir o impacto de afastamentos ou da perda de produtividade na vida das companhias.

“Após a pandemia, as demandas em relação à saúde mental dos trabalhadores aumentaram mui-

to”, reconhece Thiago Braz Novaes, médico do trabalho e responsável técnico do ambulatório de saúde da Docol, fabricante de torneiras e registros para cozinhas e banheiros, cuja sede e planta industrial em Joinville abrigam 1.800 funcionários. O novo Coronavírus, ele explica, desestabilizou os indivíduos de múltiplas maneiras. “Além dos efeitos do isolamento social, a redução da atividade econômica na pandemia levou muita gente a ter problemas financeiros. Outras pessoas tiveram Covid e enfrentaram sequelas prolongadas da doença ou perderam pessoas próximas. Percebemos um volume maior de queixas dos nossos funcionários, como crises de ansiedade, estresse e problemas de insônia.”

O trabalho da Docol teve várias frentes. Workshops com a equipe de recursos humanos buscaram sensibilizar gestores e mobilizá-los para detectar sinais de alerta. Um psicólogo do SESI passou a prestar atendimento na empresa duas vezes por semana, fazendo acolhimento, triagem, avaliação e tratamento de trabalhadores com queixas de problemas de saúde mental. “Os funcionários em crise ou em situação vulnerável podem ser identificados e encaminhados para atendimento pelos gestores de suas áreas, por um profissional com foco na atenção primária em saúde e por mim, quando eles passam por consultas ocupacionais”, diz Novaes.

29,4 milhões

Pessoas de 20 anos ou mais com transtornos mentais no Brasil (2019)

Sempre que fazem os exames periódicos, os empregados da empresa respondem a um questionário de 20 perguntas desenvolvido pela Organização Mundial da Saúde (OMS) e trazido para a empresa pelo psicólogo do SESI, com o objetivo de rastrear transtornos mentais na equipe e medir a sua gravidade. Mais de 100 pessoas vêm sendo atendidas a cada mês. Em paralelo,

um programa de acompanhamento de trabalhadores afastados foi montado com ajuda de estagiários de psicologia do 5º ano da Faculdade Guilherme Guimbala, em Joinville, assim como se organizou uma rede de psicólogos e psiquiatras de referência vinculados ao plano de saúde oferecido pela empresa para dar sequência ao tratamento.

O SESI/SC já era parceiro da empresa em outras iniciativas na área da saúde, como o programa de ginástica laboral. Todos os dias, os funcionários da planta industrial da Docol em Joinville são convocados a parar por 15 minutos para fazer exercícios de mobilidade e alongamento. “De vez em quando tratávamos também de outras questões de saúde, como prevenção de doenças do coração, mas recentemente resolvemos criar, todas as quartas-feiras, um momento específico de saúde mental, em que trabalhamos com nossos colaboradores exercícios de respiração e relaxamento”, explica Thiago Novaes.

Desempenho | Outra companhia que estabeleceu parceria com o SESI catarinense foi a Zen S.A., fabricante de autopeças sediada em Brusque. Há tempos ela planejava criar ações para promover a segurança psicológica e saúde mental em seu clima organizacional. O espaço para melhorar o desempenho nessas áreas havia sido detectado em pesquisa feita pela consultoria Great Place to Work@ (GPTW) – em 2020, a companhia recebeu certificação da consultoria como um ‘Excelente Lugar para

51 dias

Perda média de vida saudável por ano
(absenteísmo e produtividade) devido aos
problemas que afetam a saúde mental

2,8% do PIB

Perda econômica decorrente
dos problemas relacionados à saúde mental

Fonte: FIEMG



ESCREVENDO O FUTURO A PARTIR DO ZERO.

**Zero acidente.
Zero emissão.
Zero congestionamento.**

A GM compartilha a visão de um futuro com zero acidente, zero emissão e zero congestionamento. Assumimos o compromisso da neutralidade em emissões de carbono até 2040. Estamos investindo 35 bilhões de dólares até 2025 para lançar 30 modelos 100% elétricos em todo o mundo. No Brasil, já anunciamos novos modelos da Chevrolet que, junto ao Bolt EUV, vão complementar o portfólio zero emissão no país.



No trânsito, escolha a vida!

Os veículos Chevrolet estão em conformidade com o Proconve - Programa de Controle da Poluição do Ar por Veículos Automotores. SAC: 0800 702 4200.





DIVULGAÇÃO

Docol, de Joinville,
criou momento
específico de
saúde mental para
os funcionários

Trabalhar'. "Após a pandemia fomos buscar um apoio estruturado com a FIESC, com a qual já temos parceria há muito tempo", informa Schirlei Knihns Freitas, gerente de Recursos Humanos da Zen. "Vários colaboradores passaram a ter dificuldades. Isso resultava em absenteísmo e até em pessoas que optavam por deixar a empresa. Temos clareza hoje de que, se não desenvolvermos ações para o bem-estar dos profissionais, os que não estão bem não conseguirão trazer o seu melhor."

O SESI contribuiu fornecendo metodologia para o treinamento das lideranças da empresa, da presidência aos gerentes. Ao menos um terço dos 900 colaboradores também participou de workshops. "Um dos objetivos é mostrar aos líderes como eles podem detectar problemas de saúde mental de colaboradores e acolhê-los, atuando sempre por meio de diálogo e com empatia, conceitos que sempre fizeram parte da nossa cultura organizacional, e fazendo o encaminhamento adequado", diz Freitas.

A parceria também contemplou a presença de uma psicóloga do

tamento conseguiram resgatar seu bem-estar, equilíbrio e rendimento no trabalho. "Fazemos reuniões periódicas para acompanhar cada situação e, a depender da resposta obtida, podemos desdobrar a atenção em novas ações." Complementarmente, a empresa tem promovido campanhas internas sobre saúde emocional e preparado mensalmente conteúdo sobre estes temas.

Agenda | Há mais de uma década, a OMS previu que a depressão será a principal causa de afastamento do trabalho no planeta no ano de 2030. "Esta temática não é nova no País, que já convive com índices alarmantes de problemas mentais", diz Fabrizio Machado Pereira, diretor de Educação, Saúde e Tecnologia da FIESC. "O que temos discutido, dentro da agenda de saúde mental das companhias, é que não se deve esperar 2030 para ver se a previsão da OMS vai se confirmar ou não. Já temos um problema grande instalado e é difícil enfrentá-lo, porque ele tem causas multifatoriais. E nem estamos falando de uma doença só, mas de vários transtornos

diferentes", afirma.

De acordo com dados do estudo internacional Carga Global de Morbidade, que tem colaboração de mais de 1.800 pesquisadores de 127 países e é patrocinado pela Fundação Bill e Melinda Gates, a ansiedade é o transtorno mental mais prevalente entre os brasileiros com 20 anos ou mais, com 46,5% dos casos, seguido por depressão (24,4%), transtorno bipolar (7%) e transtorno de déficit de atenção (5,7%). A deterioração da saúde mental tem resultado em um aumento de desfechos trágicos. Conforme a Pesquisa Nacional da Saúde, o número de suicídios no País cresceu de 6.780 em 2000 para 13.835 em 2020 – um patamar de mortalidade superior ao causado pela AIDS (10.666 óbitos naquele ano) e ou pela leucemia (6.738 mortes).

Um estudo recente lançado pela Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais (FIEMG) transformou em números os impactos econômicos e sociais causados pelos transtornos mentais em trabalhadores. Dados compilados pelo estudo indicam que 20% das pessoas ocupadas no Brasil sofrem



DIVULGAÇÃO

problemas relacionados à saúde mental e, em decorrência desses transtornos, perdem o equivalente a 51 dias de vida saudável por ano, que resultam em absenteísmo ou em diminuição da produtividade no trabalho.

A pesquisa mostrou que a redução da capacidade produtiva causada por transtornos mentais gera

uma perda no Produto Interno Bruto (PIB) próxima a R\$ 180 bilhões por ano – se essas doenças não existissem, o PIB do País poderia ser 2,8% maior do que é. As perdas econômicas vão além. Levando em conta dados de 2019, geraram redução de R\$ 166

bilhões nas rendas das famílias e de R\$ 26 bilhões na arrecadação do Governo. E são estimativas conservadoras, diz o estudo, já que se acumulam evidências de agravamento da saúde mental após 2019, por conta da pandemia.

Zen, de Brusque:
resgate de bem-estar, equilíbrio e rendimento no trabalho

"Não se deve esperar para enfrentar os problemas de saúde mental nas companhias. Eles já estão instalados e são de difícil resolução, porque têm causas multifatoriais"

Fabrizio Machado Pereira
diretor de Educação, Saúde e Tecnologia da FIESC

“Os resultados apresentados neste trabalho reforçam a importância de discutir o tema saúde mental, que gera também impactos negativos para a economia. Considerando os dados de 2019, as perdas econômicas são de grandes proporções”, disse, no lançamento do estudo, em março, João Gabriel Pio, economista-chefe da FIEMG e responsável pela Gerência de Economia e Finanças Empresariais da entidade. “Os pro-

blemas de saúde mental atingem diretamente milhões de brasileiros e os efeitos vão além do indivíduo, afetando familiares e pessoas próximas, bem como o restante da sociedade.”

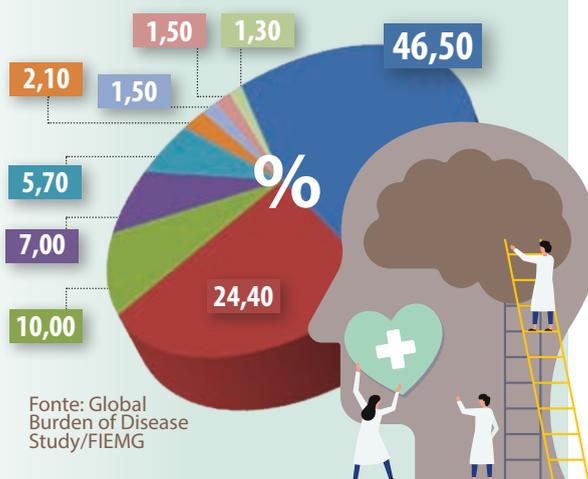
As ações propostas às indústrias pelo SESI catarinense têm focos objetivos. “Não há receita pronta, mas existem caminhos que têm se mostrado bastante promissores, que estamos construindo em conjunto com as empresas”, afirma a psicóloga Daniela Zanatta, *business leader* de Saúde Mental no Trabalho no SESI/SC, referindo-se a iniciativas como ampliar o atendimento psicológico na empresa, preparar gestores para identificar e acolher funcionários com transtornos, ou coletar continuamente dados sobre as condições emocionais dos trabalhadores e o clima da organização.

Indicadores | Um aspecto essencial é a necessidade de gerar indicadores que ajudem a gerenciar a saúde mental no ambiente de trabalho”, diz Sendi Lopes, gerente de Saúde e Segurança na Indústria do SESI e do SENAI, que coordena as ações com as empresas. Ela menciona a máxima do estatístico norte-americano William Deming (1900-1993): “Não se gerencia o que não se mede, não se mede o que não se define, não se define o que não se entende, e não há sucesso no que não se gerencia”. Um dos objetivos do SESI/SC é oferecer às empresas métodos de avaliação cientificamente validados que sejam capazes de apontar como está a saúde mental dentro de cada corporação.

Tipos de problema

Participação das pessoas de 20 anos ou mais com transtornos mentais no Brasil

- Transtornos de ansiedade
- Transtornos depressivos
- Outros transtornos mentais
- Transtorno bipolar
- Transtorno de déficit de atenção/hiperatividade
- Esquizofrenia
- Transtornos do espectro do autismo
- Deficiência Intelectual Idiopática do Desenvolvimento
- Distúrbios alimentares



“Se eu conseguir, por exemplo, saber como o problema da depressão atinge uma empresa e comparar a situação com a do Brasil e do mundo, fica mais fácil traçar as estratégias para enfrentar o problema”, afirma. É comum surgirem demandas em grupos específicos. As mulheres, por exemplo, procuram mais ajuda do que os homens – este é um aspecto cultural forte presente também em outras questões de saúde. “Às vezes a gente percebe necessidades específicas, como acolher um grupo após a perda de um colega de trabalho. Há inúmeras situações que podem gerar demandas. É preciso trabalhar estratégias de forma estruturada”, complementa Lopes.

Outro fundamento é trabalhar nas empresas a importância do autocuidado, a fim de que os funcionários saibam monitorar seu estado emocional e procurar apoio antes que suas condições deteriorem. “As pessoas conhecem pouco como gerenciar a própria saúde. Ainda não se fala muito no País sobre a necessidade de avançar no letramento em saúde”, diz Sendi Lopes.

Uma ferramenta que ajuda a fazer o monitoramento é a assistente virtual Cora, desenvolvida pelo SESI e o SENAI durante a pandemia. O trabalhador pode trocar

mensagens com a assistente, em um diálogo que parece conversa do WhatsApp, e receber dicas sobre autocuidado. A assistente consegue avaliar as condições dos funcionários e mostrar para a empresa qual é a situação da saúde mental dos colaboradores. A meta do SESI/SC agora é ampliar o número de indústrias parceiras.

“Queremos escalar as iniciativas de promoção de saúde mental no médio prazo”, afirma Daniela Zanatta. Afastamentos por saúde mental costumam ter duração longa, de três meses a um ano, porque os funcionários só procuram ajuda quando a situação já se agravou. “O ideal é enfrentar o problema enquanto ele ainda está em uma fase moderada e pode ser administrado”, diz a executiva. ic



Zanatta e Lopes: construção de soluções em conjunto com as empresas

Indústria & Competitividade

FIESC

10 anos produzindo conteúdo para quem produz

Desde seu lançamento, em 2013, a revista Indústria & Competitividade, da FIESC, se firmou como uma das principais publicações de economia e negócios de Santa Catarina. Abordando em profundidade assuntos que exprimem a pujança, valorizam as conquistas e elencam os desafios da indústria catarinense, seu conteúdo chega a empresários, executivos, autoridades e formadores de opinião por meio de edição impressa, eletrônica e dos diversos canais de comunicação da FIESC.



Anuncie na revista e fale diretamente com um dos principais centros de produção, inovação e capacitação do Brasil: **a indústria de Santa Catarina**

O rastreador de genes

Plataforma desenvolvida pela BiomeHub e Instituto SENAI de Inovação em Sistemas Embarcados permite detectar precocemente alterações genéticas associadas a duas graves doenças degenerativas

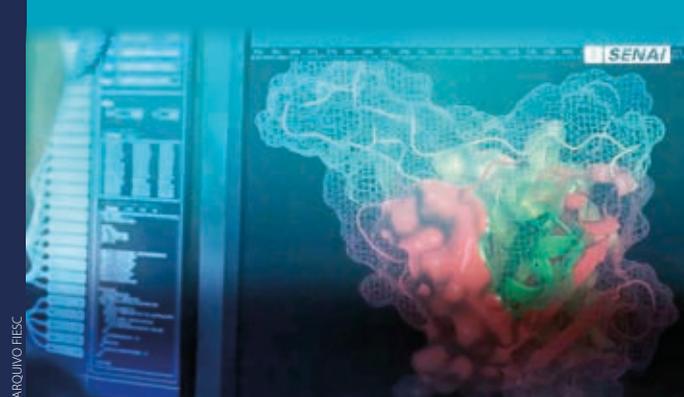
Por **Fabrcio Marques**

Uma colaboração entre uma empresa de biotecnologia, a BiomeHub, e o Instituto SENAI de Inovação (ISI) em Sistemas Embarcados, ambos instalados no Sapiens Parque, em Florianópolis, deu origem a uma plataforma que permite diagnosticar duas doenças genéticas degenerativas: a Distrofia Muscular de Duchenne (DMD) e a Atrofia Muscular Espinhal (AME). Batizada de Projeto Gene, a parceria teve investimentos da Financiadora de Estudos e Projetos (Finep), por meio de um edital para desenvolver soluções voltadas a pessoas que sofrem de problemas de mobilidade.

A tecnologia ainda precisa cumprir algumas etapas antes de ser lançada como produto. Ela será avaliada pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária e deve passar por uma fase final de desenvolvimento. “Faltam ajustes na plataforma, de

modo a melhorar a experiência do usuário, que vamos fazer agora”, afirma o biólogo e geneticista Luiz Felipe Valter de Oliveira, CEO da BiomeHub. O trabalho conjunto das equipes de Pesquisa e Desenvolvimento (P&D) da companhia e do ISI criou um sistema capaz de receber e rastrear grandes volumes de dados brutos de sequenciamento genético, gerando, no final do processo, um laudo laboratorial sobre a presença ou não de mutações ou alterações genéticas relacionadas às duas enfermidades.

Protocolos | O software segue protocolos consolidados para transferência de dados em saúde e garante o respeito aos princípios da Lei Geral de Proteção de Dados. O objetivo da BiomeHub não é realizar ela própria os exames, mas comercializar kits de diagnóstico para grandes laboratórios, como Fleury, Dasa e Hospital Albert Einstein, que contenham licenças do software para avaliar os dados sequenciados e produzir o laudo. A ideia é que, no futuro, a tecnologia também possa ser disponibilizada para o Sistema Único de Saúde e exportada para outros países,



ARQUIVO FIESEC

principalmente da América Latina, já que os laudos podem ser emitidos em português, inglês e espanhol.

O diagnóstico precoce das duas doenças degenerativas é fundamental para oferecer terapias adequadas e diminuir o sofrimento dos pacientes. A Distrofia Muscular de Duchenne (DMD) atinge exclusivamente homens e afeta um a cada 5 mil meninos nascidos vivos. Um gene defeituoso ligado ao cromossomo X faz com que uma proteína essencial para a integridade dos músculos não seja produzida pelo organismo. Embora os portadores da doença nasçam sem sintomas aparentes, aos 12 anos os garotos param de andar. A degeneração da estrutura esquelética progride a ponto de gerar problemas cardíacos e respiratórios. Embora não exista cura, o tratamento precoce com corticoides ajuda a diminuir o processo inflamatório que atinge o músculo.

Supercomputador processa grandes volumes de informação, como dados genéticos

Já a Atrofia Muscular Espinhal (AME), que afeta uma a cada 10 mil pessoas no mundo, interfere na capacidade do corpo de produzir uma proteína, a SMN, essencial para a sobrevivência dos neurônios motores, responsáveis pelos gestos voluntários como respirar, engolir e se mover. O diagnóstico precoce, no caso da AME, consegue bloquear o progresso da moléstia em boa parte das vítimas. Um medicamento de alto custo, a nusinersena, tem o condão de interromper a evolução para os quadros mais graves, atuando na produção da proteína a qual o paciente precisa. Conforme informa a bula do medicamento, isso reduz a perda das células nervosas motoras,



Distrofia Muscular de Duchenne (DMD)

- Atinge 1 a cada 5 mil meninos nascidos vivos, mas não há sintomas aparentes no início
- Gene defeituoso impede que uma proteína essencial para a integridade dos músculos seja produzida
- Degeneração da estrutura esquelética gera problemas de mobilidade, cardíacos e respiratórios
- Tratamento precoce com corticoides ajuda a diminuir o processo inflamatório

melhorando a força e o tônus muscular.

“Mas o tratamento, para ser efetivo, precisa ser realizado no início das manifestações. Muitas pessoas perdem essa janela de oportunidade por falta de diagnóstico. Quando ela está instalada, as terapias disponíveis não recuperam perdas já estabelecidas”, informa Luiz Felipe de Oliveira, da BiomeHub. “O diagnóstico precoce é fundamental e disso vem o impacto social e econômico da nossa plataforma.”

A parceria se firmou sobre interesses convergentes. A BiomeHub aproximou-se do SENAI durante a pandemia. *Spin off* da companhia de biotecnologia Neoprospecta criada em 2019, a empresa é especializada em exames de microbioma, análises moleculares de microrganismos que habitam, por exemplo, a boca ou o intestino, capazes de fornecer informações úteis para tratamentos personalizados de determinadas doenças.

Durante a emergência sanitária, a BiomeHub se afastou um pouco de sua vocação para a microgenômica e estabeleceu cooperação com o SENAI para fornecer soluções de diagnóstico em Covid-19 que permitissem testar continuamente funcionários

de empresas e viabilizar as operações de indústrias de forma segura. Também participou com a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e a Fundação de Amparo à Pesquisa catarinense do sequenciamento das variedades do novo Coronavírus em circulação no Estado para detectar o surgimento de mutações – mais de 3 mil genomas foram sequenciados em seis meses.

Em paralelo, consolidava-se o interesse do ISI Sistemas Embarcados em se dedicar a um novo filão de desenvolvimento tecnológico, a bioinformática, aproveitando investimentos feitos durante a pandemia em um laboratório de biologia molecular no Instituto SENAI sediado em Chapecó e na aquisição de um computador de alta performance pela FIESC, que permite trabalhar com volumes muito grandes de informação, como dados genéticos. “Queríamos estar presentes nesta área, que converge com áreas de atuação do Instituto que dependem de infraestrutura computacional robusta, como inteligência artificial, visão computacional, *machine learning* e ciência de dados”, diz Maurício Cappra Pauletti, gerente executivo de Inovação e Tecnologia do SENAI/SC.

Nova jornada | O surgimento de uma chamada da Finep sobre tecnologias assistivas criou a oportunidade de apresentar um projeto conjunto, capaz de criar uma nova aplicação para a expertise em diagnóstico da BiomeHub. “Vimos a chance de obter



MAURO GOLLART/FIESC

um know-how tecnológico que nós não dominávamos e expandir nosso portfólio de produtos de base tecnológica”, afirma Luiz Felipe de Oliveira. As equipes da P&D da empresa e do Instituto trabalharam de forma bastante integrada.

“A BiomeHub tinha muito interesse no projeto, sabia o que queria, entendia o que a gente estava fazendo e sua equipe era muito motivada”, lembra o cientista da computação e bioinformata Rômulo Moraes, que liderou a equipe do ISI envolvida no projeto. Enquanto a parte de banca, desde o recebimento de amostras até o processamento do sequenciamento, coube ao time da empresa, o desenvolvimento da plataforma para receber esses dados e o tratamento dos dados ficaram com o ISI. “A experiência com esse projeto e o conhecimento adquirido em bioinformática abriram caminho para que submetêssemos novos projetos na área e para prospectar outros clientes. Estamos construindo uma nova jornada na nossa atuação”, afirma Leonardo Bernardo de Oliveira, gerente de Operações de Inovação do SENAI/SC. [ic](#)

Laboratório de biologia molecular do SENAI, em Chapecó: novo nicho tecnológico



Atrofia Muscular Espinhal (AME)

- Afeta 1 a cada 10 mil pessoas
- Impede a produção de proteína ligada aos neurônios motores, responsáveis pelos gestos voluntários como respirar e engolir

• Diagnóstico precoce permite bloquear o progresso da moléstia por meio de medicação, evitando casos mais graves

O mundo dá voltas, mais uma vez

Cadeias globais de valor dão lugar à produção local e a novas alternativas de fornecimento, o que pode ser uma ótima oportunidade para Santa Catarina. O desafio é o Brasil fazer o dever de casa com reformas e política industrial

O final do século 20 foi marcado pela migração da indústria para a Ásia. Houve transferência em massa de fábricas norte-americanas para a China, em busca de custos menores. Estima-se que somente esse gigantesco *offshoring*, sem contar outros países, envolveu cerca de 500 mil indústrias transferidas. Criaram-se as cadeias globais de valor, em que partes de um mesmo produto são manufaturadas em regiões distintas, ao mesmo tempo que se aprofundou a integração comercial. Foi assim que a Ásia, com a China à frente, tomou a dianteira da produção industrial, dominando redes de fornecimento terceirizadas, concentradas e interdependentes. “Passou-se a priorizar a eficiência com o uso do comércio internacional para a melhor alocação possível de recursos”, afirma Pablo Bittencourt, economista-chefe da FIESC.

O sistema dominou a cena até a crise financeira de 2008. De lá para cá o comércio global decaiu e a integração sofreu reverses. Em confli-

to por hegemonia, Estados Unidos e China ergueram barreiras tarifárias mútuas e adotaram visões mais radicais de segurança nacional. A pandemia e a guerra entre Rússia e Ucrânia terminaram por desordenar as cadeias globais de valor, fazendo faltar insumos e mercadorias e elevando preços e custos logísticos a níveis estratosféricos. Escancarou-se a dependência de fornecedores asiáticos para quase tudo, o que levou a uma mudança de percepção dos agentes econômicos. “Isso tudo gerou uma constatação óbvia dos investidores, que passaram a priorizar um reordenamento amigável, confiável e regional das cadeias de produção e de valor”, diz Maria Teresa Bustamante, presidente da Câmara de Comércio Exterior da FIESC.

A nova lógica incorpora conceitos como reindustrialização, autosuficiência e *reshoring* (volta das indústrias para os países de origem), *nearshoring* (localização de fábricas em regiões próximas ao consumo) e *allyshoring* (produção em países “aliados”), todos associados à redu-



SHUTTERSTOCK

ção de riscos. O fenômeno impacta profundamente a forma de se fazer negócios, e as empresas com atuação global buscam se posicionar.

“Reconhecemos que os riscos geopolíticos e outros fatores externos podem impactar nossa capacidade de alcançar os objetivos estratégi-

cos, e adotamos uma abordagem proativa para gerenciá-los”, diz o catarinense Guilherme Almeida, presidente da Nidec Global Appliance, empresa com 11 mil funcionários em nove países, dona da Embraco, fornecedora de compressores para refrigeração em todos os continen-

tes. Dentre as iniciativas da companhia estão a busca por fornecedores mais próximos às unidades de produção, o *double country sourcing*, que é ter fornecedores em ao menos duas regiões diferentes, além de passar a produzir os mesmos modelos em mais de uma região (veja mais detalhes no box).

“Não acho que seja o fim da globalização. O que está havendo é uma reglobalização, se pudermos chamar desta forma”, sugere o também catarinense Gilberto Tomazoni, CEO Global da JBS, maior empresa de alimentos do mundo, com mais de 400 plantas industriais em 20 países e faturamento de R\$ 375 bilhões em 2022. “Algumas dependências estão sendo revistas. Ninguém mais quer ficar dependente de fornecedores únicos, vão querer ter três ou quatro fornecedores”, diz o executivo.

Esta visão ficou bastante consolidada durante a pandemia, e a partir de então se intensificou o esforço de

reindustrialização em países europeus e nos Estados Unidos, com o objetivo de reduzir as muitas dependências a que estão submetidos – de chips e smartphones a máscaras cirúrgicas e luvas de borracha. Os Estados Unidos parecem ir mais fundo na estratégia, enquanto a Europa busca posição mais moderada – fala-se em “redução de riscos sem desacoplamento”. A prioridade passa a ser fazer negócios com empresas e países confiáveis.

Essa lógica está na origem do *boom* industrial por que passa o México, que se tornou uma porta de entrada para o maior mercado do mundo, os Estados Unidos. Empresas de atuação global, especialmente as asiáticas, que distribuíam produtos “*made in China*” no país, estão adicionando linhas de produção no México. Já os países da América do Norte procuram aprofundar laços entre si para estabelecer localmente as cadeias de valor mais estratégicas, como por

exemplo em tecnologia, o que envolve parcerias em P&D, educação e energia, dentre outras.

Para a indústria brasileira, que viu sua participação reduzida na produção global de 3% nos anos 1980 para apenas 1,3%, é uma oportunidade para elevar as exportações de manufaturados. “Santa Catarina é um estado industrial, com cultura exportadora, possui uma excelente infraestrutura portuária e pode se beneficiar desse processo”, afirma Mario Cezar de Aguiar, presidente da FIESC. “Podemos conquistar novos mercados e atrair empresas complementares às cadeias produtivas já instaladas no Estado.”

Distribuição | Por seu lado a China também busca alternativas para produtos de que depende externamente, como combustíveis e alimentos. Para evitar rotas comerciais que podem ser cortadas por seus agora “inimigos” ocidentais, o país costurou uma aliança estratégica com a Rússia, grande produtora

de óleo e gás, que se tornou fornecedora preferencial e grande aliada da China.

No caso dos alimentos a estratégia declarada do gigante asiático, e também da Rússia, é perseguir a autossuficiência de produção para o que consome, ou ao menos a forte redução de dependência. Neste contexto, a JBS não descarta produzir localmente para se manter relevante no mercado asiático, e no momento está investindo na criação de cadeias de distribuição robustas nos principais países consumidores, destacadamente na China, estabelecendo parcerias estratégicas nos setores de varejo alimentar e *food service*.

Dependência EXCESSIVA

4 países
(China, Coreia do Sul, Cingapura e Taiwan) respondem por quase 90% da fabricação de memórias de computador

5 países
(China, Taiwan, Cingapura, Coreia do Sul e Malásia) realizam três quartos das exportações globais de semicondutores e circuitos integrados

A China detém quase metade das exportações de equipamentos de telecomunicações e mais da metade de computadores e telefones celulares

Obs.: Em 2021. Fonte: CNI

Indústria têxtil na China e de chips em Taiwan: Ásia tomou dianteira em vários setores



FOTOS SHUTTERSTOCK



"Não é o fim da globalização, está havendo uma 'reglobalização'. Dependências são revistas, ninguém quer depender de fornecedores únicos"

Gilberto Tomazoni
CEO Global da JBS

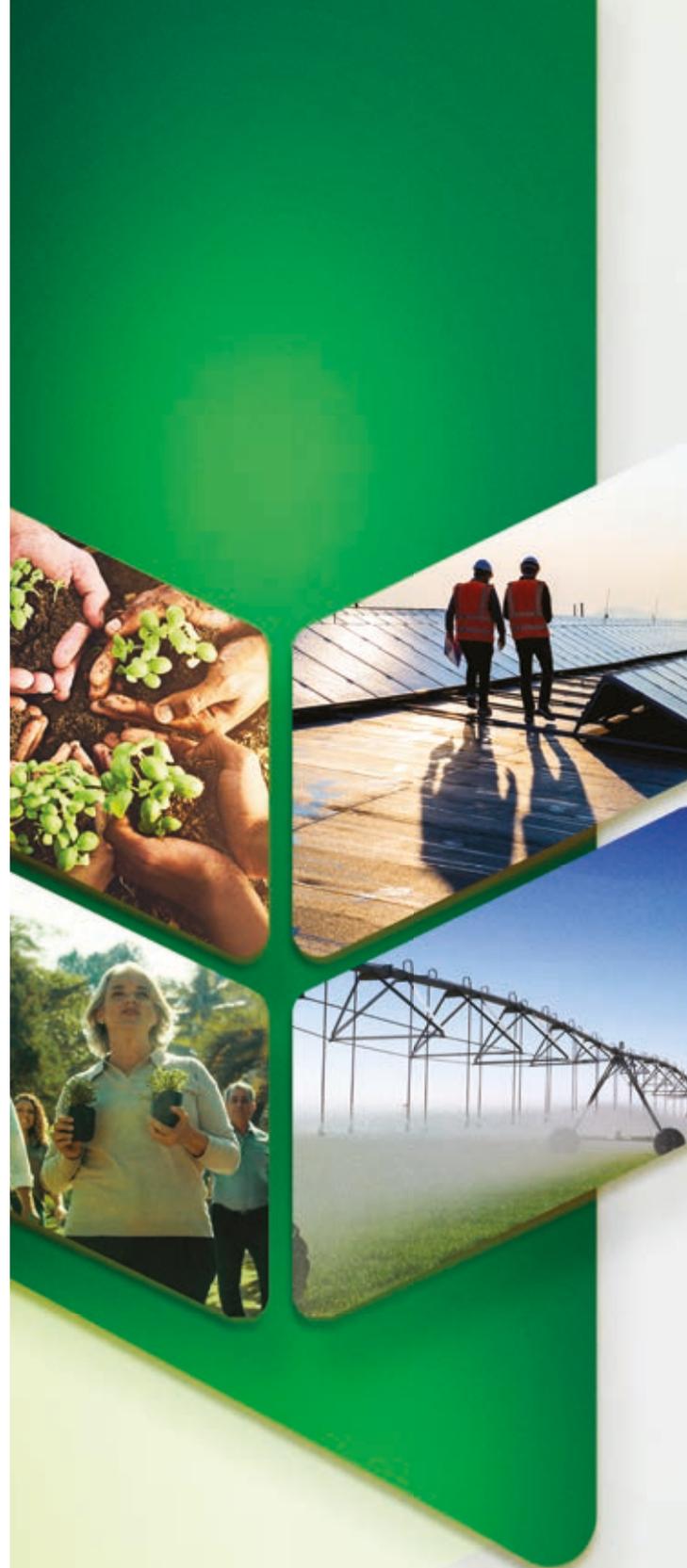


PAULO VITALE/DIVULGAÇÃO

"O que está motivando as mudanças na economia global é a falta de confiança. Ao criarmos redes de distribuição estabelecemos relações de confiança, de longo prazo. E quando temos distribuição, a decisão de termos uma fábrica é muito mais natural", afirma Tomazoni. As unidades industriais da empresa recentemente adquiridas na Arábia Saudita e nos Emirados Árabes já estão inseridas na lógica de produção local para satisfazer exigências de clientes importantes. A empresa também está comprando redes de distribuição na região para fortalecer suas posições comerciais.

Eficiência | Uma das características centrais da formação das ca-

deias globais de valor nas últimas décadas foi a centralidade da eficiência – os processos se consolidaram nas regiões onde a produção é mais barata e produtiva. A mão de obra barata chinesa carrou para lá a indústria de transformação, processo que se intensificou após o país aderir à Organização Mundial do Comércio, no início do século. Ao incorporar protocolos referentes a temas como *dumping* e câmbio, a China se tornou um agente confiável para receber investimentos e financiamentos ocidentais, o que foi um motor extra para seu crescimento econômico. "Além disso, políticas industriais bem desenhadas permitiram a incorporação de alta tecnologia e a



brde.com.br



BRDE. O Banco Verde. O Banco da Sustentabilidade.

Ser o Banco da Sustentabilidade é ser parceiro de quem transforma o respeito ao meio ambiente em um futuro melhor para todos. É ser o banco que cada vez mais orienta suas ações para que todo cidadão tenha respeitados seus direitos, da alimentação à saúde.

O BRDE planta conscientização por onde passa e em cada parceiro que apoia, gerando desenvolvimento social e econômico para toda a Região Sul.

BRDE.
Crédito para inovar e desenvolver.

BRDE  **CRÉDITO PARA INOVAR E DESENVOLVER.**

indústria chegou aos estratos mais elevados das cadeias de valor”, informa Pablo Bittencourt.

Ao enriquecer, a população passou a se alimentar melhor e a Ásia se tornou um grande e constantemente crescente mercado para o agronegócio brasileiro, setor que mais se beneficiou por aqui com a globalização. Além de contar com mercado em expansão, as vantagens comparativas do Brasil na agropecuária – clima, solo e tecnologia – foram determinantes para o sucesso, porém sem que tenha conseguido, com algumas exceções, ultrapassar os limites de fornecimento de *commodities* com pouca ou nenhuma agregação de valor.

Diante do atual cenário, de acordo com o Sindicato da Indústria de Carnes e Derivados de Santa Catarina (Sindicarne), a estratégia do setor deve ser a busca por diversificação de mercados para reduzir a dependência de grandes compradores que de uma hora para outra podem interromper os fluxos comerciais. A Ásia absorve atualmente metade das exportações catarinenses de carnes – os outros grandes mercados são o Oriente Médio e a Europa. Ao mesmo tempo, nos principais mercados a estratégia deve ser a de buscar relacionamentos sólidos que estejam de alguma forma blindados das ins-

tabilidades. “Alimentos não devem ter fronteiras em um mundo com 1 bilhão de pessoas sem comida no prato”, argumenta José Antônio Ribas Junior, presidente do Sindicarne. “Precisamos estabelecer relações de confiança, alongando relações e sendo parceiros de fato, com contratos de longo prazo em lugar de fornecimentos pontuais”, diz o executivo.

Apesar dos novos riscos e oportunidades, o agronegócio brasileiro

US\$ 3,6 bilhões

Exportações de SC

(janeiro a abril de 2023)

Principais destinos

EUA.....	14,1%
China	13,9%
Argentina	7,5%

Principais produtos

Carnes de aves	18,4%
Carne suína.....	12,9%
Motores elétricos ..	4,9%

Fonte: Observatório FIESC

já é um *player* importante no mundo e está bem posicionado para se manter relevante na nova ordem, especialmente se avançar em questões como o meio ambiente, tema crítico para a Europa e também alvo de atenções crescentes de asiáticos. A neutralidade brasileira diante dos conflitos parece pesar a favor de uma maior inserção em mercados diversos. “Se tem um setor em que o Brasil pode ser protagonista no mundo é o de alimentos. É nele que podemos definir as regras do jogo, mas para isso precisamos resolver as nossas questões”, afirma Ribas, referindo-se ao conjunto de entraves a uma maior competitividade internacional.

Mercosul | É fato inegável que o agronegócio brasileiro saiu vencedor na globalização, e pode-se dizer o inverso da indústria de transfor-



Porto Itapoá, no Norte do Estado: investimentos em ampliação estão em curso

A vez de Santa Catarina?

Como o Estado está posicionado para integrar o novo mapa-múndi da indústria

PONTOS FORTES

- É um dos estados mais industrializados do Brasil, com o quarto parque industrial e a maior diversificação setorial
- Possui polos tecnológicos e startups envolvidos com a criação de inovações para a indústria
- Tem cultura de internacionalização. É local de origem e sede de multinacionais de setores como alimentos, material elétrico, eletrodomésticos, autopeças e plásticos. Cerca de 800 pequenas e médias indústrias integram o Intercomp, programa de internacionalização da FIESC
- Infraestrutura portuária é muito boa. O Estado movimenta mais contêineres do que a Argentina inteira. Os dois principais terminais privados aplicam quase R\$ 2 bilhões em ampliação e modernização
- Muitas empresas possuem laços culturais e tradição de negócios com a Europa. Os EUA são o maior importador de manufaturados catarinenses
- Estado tem programa agressivo de incentivos para investimentos privados

DESAFIOS A SUPERAR

Custo Brasil é entrave à competitividade internacional da indústria; escassez de financiamentos a exportações

Particularmente em Santa Catarina é péssima a infraestrutura rodoviária, o que torna os custos logísticos um entrave extra à competitividade



FOTOS: DIVULGAÇÃO



Instalações da Buschle & Lepper em Barra do Sul: conquista de mercado externo

mação. Nos anos 1980 a indústria brasileira era muito maior do que a chinesa e a sul-coreana, para se ter uma ideia. Atualmente corresponde a uma pequena fração desses parques industriais. A inserção internacional do setor se deteriorou em praticamente todos os mercados em que atuava. O Brasil exportava volumes consideráveis de têxteis, calçados, produtos químicos, revestimentos cerâmicos e automóveis,

por exemplo, mas já não exporta mais. A concorrência asiática não perdoou nem mesmo o quintal do Mercosul. A Argentina, historicamente o maior importador de manufaturados brasileiros, passou a importar mais da China em 2021. Isso para não falar do próprio mercado interno do Brasil, que foi capturado por industrializados asiáticos em larga escala.

A nova ordem abre uma porta para recuperação de terreno, mas se engana quem acha que a vida será fácil só por isso. Em primeiro lugar, as oportunidades surgidas com o “cancelamento” de fornecedores asiáticos são acessíveis para as indústrias que já estão preparadas para a inserção internacional. É o caso da Buschle & Lepper, fabricante e distribuidora de produtos químicos com sede em Joinville. Uma das frentes de negócios da companhia é a produção de magnésio extraído da água do mar, processo pelo qual se consegue um produto com grau de pureza mais alto do que

o obtido por meio da extração mineral. A qualidade do produto é uma das vantagens competitivas que levou o grupo a buscar a expansão por meio do mercado internacional.

A decisão de construir uma nova indústria de magnésio marinho ao lado da unidade antiga (que posteriormente foi desativada) no município de Barra do Sul, próximo a Joinville, remonta a 2015. A ampliação foi concluída em 2020, o que também modernizou os processos da empresa, que incorporou tecnologias de indústria 4.0, aumentando a gama de produtos – derivações do magnésio são usadas na indústria de alimentos, cosméticos, insumos agrícolas, produtos elétricos e outras, cada uma delas com formulações próprias. Como o mercado interno já está saturado, a expansão, de acordo com o planejamento, deveria ser absorvida pelo mercado externo. “Aí, onde conseguimos relevância é sendo *player* nas especialidades do magnésio, atendendo a demandas muito específicas”, diz Cristala Buschle, presidente do Conselho de Administração da empresa.

Cosméticos | O sucesso da empreitada viria com o aumento das exportações em 50%, passando de 20% para 30% da capacidade instalada. A empresa procurou então o programa de internacionalização da FIESC



Tendências da NOVA ORDEM

Empresas e países procuram reduzir riscos, ainda que isso implique em menor eficiência produtiva e custos mais altos

- **Autossuficiência:** em um mundo dividido e mais hostil, países almejam ser autossuficientes ou menos dependentes em energia, alimentos, tecnologias estratégicas e defesa nacional

- **Reindustrialização:** países que abdicaram da produção industrial revalorizam o setor para ter produção própria de itens estratégicos e maior domínio das cadeias de valor. Conceito inclui o *reshoring*, que consiste em transferir fábricas e operações aos países de origem

- **Nearshoring:** encurtamento das cadeias de produção, com a fabricação de produtos e itens em países próximos e com boas relações comerciais e diplomáticas

- **Double sourcing:** ter ao menos dois fornecedores, de preferência em regiões distintas, para um mesmo produto ou insumo, como modo de gerenciar riscos associados às cadeias de fornecimento

Redução de riscos geopolíticos

Nidec Global Appliance, dona da Embraco, realoca fornecedores e a própria produção ao redor do mundo

A Nidec Global Appliance é uma empresa profundamente globalizada. Com sede em Joinville, onde se localiza uma das fábricas de compressores da Embraco, a plataforma tem outras três unidades industriais em Santa Catarina. A Embraco também tem unidades na China, Eslováquia, Áustria e México. No total a Nidec GA possui 12 indústrias (também produz motores de máquinas de lavar roupas e louças, por exemplo), quatro escritórios comerciais, oito centros de P&D e clientes de 90 países atendidos pelos produtos. Um complexo sistema de produção e distribuição internacionalizado dá conta de todos os processos, mas o ambiente geopolítico incerto e

volátil tem exigido novas atitudes.

“Como uma empresa global, administramos diariamente os riscos de possíveis impactos consequentes de cenários como guerra, pandemias e mudanças geopolíticas nas cadeias de suprimentos globais”, diz Guilherme Almeida, presidente da Nidec GA. Dentre as estratégias e ferramentas adotadas incluem-se simulação de cenários, mapeamentos de riscos e planejamento de contingência. Na prática, linhas de produção estão sendo redesenhadas para uma reorganização produtiva global, com a adaptação das plantas para novos volumes e projetos de produtos são alterados em busca de economia de materiais e novos fornecedores.

“Nossos times de compras, logística e vendas têm trabalhado para desenvolver fornecedores mais próximos de cada unidade produtiva, evitando a falta de componentes e equipamentos”, conta Almeida. De acordo com o executivo, a maior parte dos fornecedores se encontra nos próprios países onde estão as fábricas e a empresa já pratica o chamado *double source*, para reduzir os riscos de fornecimento. Após a pandemia foi acelerada a implementação do *double country sourcing*, que consiste em ter fornecedores em ao menos duas regiões diferentes.

O mesmo vale para as linhas de produção. Modelos de compressores e unidades condensadoras passaram a ser produzidos em duas ou mais localidades distintas. A nova

Compressores: fabricação de mesmo modelo em fábricas distintas



Almeida: desenvolvimento de fornecedores mais próximos das unidades produtivas

linha de compressores Embraco NE, que já tem operação na Eslováquia para atender a Europa, começou a ser produzida na China no final de maio. As unidades condensadoras estão sendo produzidas no Brasil, Eslováquia e México. O conceito envolvido é o *nearshoring*. “O objetivo é ter a fabricação de modelos estratégicos mais próxima das manufaturas que fazem o equipamento de refrigeração”, diz Almeida.

Em outra iniciativa, a Nidec GA desenvolveu o projeto “Global Ocean Tracking”, que consiste no monitoramento diário de todos os embarques marítimos. Assim a empresa obtém informações sobre a localização exata de cada navio ou contêiner, os eventos envolvidos no transporte e a performance de entrega. “Temos uma clara visibilidade para acelerar a tomada de decisão no caso de algum atraso, além de planejar rotas e fornecedores alternativos para embarques futuros”, afirma Almeida. O resultado é uma redução de 50% do valor gasto com fretes extras.

e em 2022 contratou a consultoria IXL, parceira do programa da Federação, com expertise em pesquisa de mercados e criação de valor para a conquista de clientes no exterior. Foram detectadas grandes oportunidades na Europa, por exemplo, onde fabricantes de cosméticos substituem insumos como o hidróxido de alumínio por magnésio em desodorantes, xampus, esfoliantes e outros produtos, em favor da saúde dos consumidores. A legislação europeia também passou a exigir a incorporação de magnésio, uma substância antichamas, em conduítes elétricos. Com produto adequado, tecnologia e volume de produção a companhia estava pronta a ganhar mercado, processo que foi acelerado pela nova geopolítica mundial.

Planejamento | Foi justamente em busca de alternativas a fornecedores chineses de insumos à base de magnésio que um dos maiores distribuidores de produtos químicos da Alemanha chegou à Buschle & Lepper, fechando contrato no início do ano – a empresa prefere não abrir os valores e volumes envolvidos. “Fomos procurados por esse grande *player* alemão, assim como estamos sendo consultados e visitados por distribuidores da América Latina que nunca haviam nos procurado antes”, conta Márcio Luiz Schissatti, diretor-geral da Buschle & Lepper. Além desses mercados, o objetivo é conquistar novos clientes nos Estados Unidos, onde a empresa já atua.



FOTOS: DIVULGAÇÃO



“Não adianta pensar de forma isolada. Nossa competitividade internacional depende de reforma tributária, política industrial, financiamentos às exportações, integração do Mercosul e outros fatores”

Maria Teresa Bustamante
presidente da Câmara de Comércio Exterior da FIESC

Ainda que várias oportunidades pipoquem de modo pontual, resultando em novos contratos de exportações para indústrias de Santa Catarina e de outros estados, muitos desses negócios não serão sustentáveis no longo prazo, por falta de planejamento e competitividade. As oportunidades serão verdadeiramente aproveitadas para quem está investindo em estratégias consistentes de inserção internacional, como a Buschle & Lepper. Mas isso apenas não basta para que o movimento ganhe escala. Para que a inserção internacional da indústria ocorra de fato é necessário elevar a competitividade do País.

“Não adianta pensar de forma isolada”, diz Maria Teresa Bustamante, presidente da Câmara de Comércio Exterior da FIESC. “Só seremos de fato competitivos internacionalmente quando tivermos uma reforma tributária, reforma administrativa, uma política industrial consistente, financiamentos para as exportações e uma integração regional no Mercosul de forma

séria, dentre outros fatores”, aponta a executiva.

Ela cita o trabalho realizado pela FIESC junto a órgãos como o consulado dos Estados Unidos, câmara de comércio e embaixada brasileira com o intuito de desenvolver fornecedores catarinenses para substituir asiáticos no mercado norte-americano. Os resultados estão aquém das expectativas justamente pela falta de apoio aos candidatos a exportadores locais, na forma de financiamentos e incentivos às exportações, por exemplo. No mapa do *nearshoring*, países como o México e nações do Leste Europeu se destacam não só pela proximidade com os principais mercados como também pela maior eficiência. “Estados Unidos e Europa reconhecem a necessidade do *nearshoring* e nosso potencial como fornecedores, o que já é uma grande coisa”, afirma Bustamante. “Se tivermos apoio do Governo, as portas já estão abertas.”

É aí que entra um dos assuntos mais relevantes atualmente para o futuro da indústria: a criação de uma política industrial consistente



ArcelorMittal Vega

Há 20 anos, nosso aço contribui para o desenvolvimento da economia catarinense

Mais de 22,5 milhões de toneladas de aço beneficiadas em 20 anos de operações

US\$ 920 milhões investidos em obras na unidade

Com sua expansão prevista para ser concluída em 2023, Vega deve aumentar sua capacidade anual de produção de **1,6 milhão de toneladas de aço para 2,2 milhões**

R\$ 23 milhões investidos em ações de Responsabilidade Social

Garantia de produção de um aço seguro e sustentável com a certificação internacional ResponsibleSteel®

#JuntosemTransformação

Investir no lugar certo

Proposta da CNI para retomada do setor foca em megatendências globais

A Confederação Nacional da Indústria (CNI) apresentou em maio sua proposta de política industrial para o Brasil com foco em quatro pontos considerados megatendências mundiais: economia verde, saúde, digitalização e defesa e segurança nacional. O plano incorpora o conceito de “missões nacionais”, espelhando-se na experiência de países que obtiveram sucesso com suas políticas industriais. A ideia é definir áreas estratégicas alinhadas às tendências globais e estabelecer objetivos de longo prazo, com coordenação de esforços e articulação entre os setores público e privado, evitando-se a dispersão de recursos escassos.

Além das missões, o plano da CNI inclui avançar em questões transversais, com o objetivo de equalizar as condições competitivas do Brasil no mundo. Entram aí aspectos como tributação, segurança jurídica e eficiência do estado, infraestrutura, inovação e relações de trabalho.

“O Brasil deve mobilizar suas forças – que incluem os valores democráticos, a capacidade de produzir alimentos, a estrutura industrial diversificada, a produção de biocombustíveis, a bioeconomia, os recursos naturais e a matriz energética limpa, entre outras – para colaborar com a construção de um mundo sustentável. Também deve atuar para reforçar seu ecossistema de ciência, tecnologia e inovação, contribuindo para galgar posições de alto valor agregado nas cadeias globais de valor”, afirma, no documento, o presidente da CNI Robson Braga de Andrade.

US\$ 12 trilhões

Valor aplicado em políticas industriais ao redor do mundo, com foco em inovação, sustentabilidade e competitividade internacional

no Brasil. O assunto está em pauta em Brasília, sob a liderança do vice-presidente da República e ministro do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços, Geraldo Alckmin. A publicação em um jornal, em maio, de um longo artigo assinado por Alckmin e pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva sobre a relevância da indústria para o desenvolvimento e a importância de se criar uma política industrial foi entendida como sinalização de que o tema é prioritário. A consistência das propostas, entretanto, deixou a desejar. Aguarda-se o desenho mais definitivo de uma política industrial até o final do ano.

O tema é um tanto polêmico no Brasil, geralmente associado, com justiça ou não, a privilégios indevidos a setores ou empresas. Ideias liberais na economia foram preponderantes no Ocidente nas últimas décadas, preconizando o baixo intervencionismo para deixar que os mais eficientes sobrevivessem. Até aí tudo bem, mas o problema é que o Brasil não conseguiu criar um ambiente de negócios saudável para as empresas se desenvolverem. Desde então a carga tributária foi elevada, a infraestrutura ficou sucateada e a insegurança jurídica aumentou, tudo combinado a uma abertura comercial nos anos 1990 que, sob o pretexto de conter a inflação, abriu a porteira para importados mais baratos. Provavelmente o liberalismo à brasileira foi a causa principal da desindustrialização precoce do País. A indústria de transformação detinha 24% do PIB nos anos 1980 e hoje tem menos de 10%.

Em contraste, países asiáticos

adotaram políticas industriais robustas no período. Além da China, que se tornou o maior parque fabril do mundo, destacam-se diversos países como aqueles que ficaram, no auge da globalização, conhecidos como Tigres Asiáticos. Em recente missão empresarial, diretores da FIESC e um grupo de empresários catarinenses conheceram de perto a Coreia do Sul e Cingapura. Todos ficaram impressionados com o nível de desenvolvimento industrial e tecnológico, a interação entre grupos de pesquisas e universidades com empresas e o grau de planejamento econômico. “O desenvolvimento alcançado é fruto de políticas industriais iniciadas há décadas”, afirma José Eduardo Fiates, diretor de Inovação e Competitividade da FIESC.

Missões | Vale sublinhar que antes de desenhar sua política industrial a Coreia do Sul enviou missões ao Brasil, na década de 1960, para conhecer a política brasileira, extremamente exitosa na época, quando o País vivia seus tempos de milagre econômico. Desde os anos 1930 o Brasil investiu em políticas industriais e graças a elas o desenvolvimento do setor foi muito significativo. Entre 1930 e 1970 o País foi o campeão mundial de crescimento do PIB, de acordo com a CNI, justamente pelo forte impulso de industrialização. Porém, diante de crises, o chamado desenvolvimentismo caiu em desuso não só no Brasil, mas na maior parte dos países ocidentais – os marcos da mudança de chave foram as políticas econômicas liberalizantes de Ronald





FOTOS SHUTTERSTOCK

Mineração de lítio e bateria: produção pode ser escolha de política industrial

Reagan nos Estados Unidos (1981-1989) e Margareth Thatcher no Reino Unido (1979-1990).

Agora, diante da desindustrialização ocorrida nos Estados Unidos e Europa e a consequente dependência da Ásia, as maiores economias ocidentais voltam as baterias para um esforço de reindustrialização, aos moldes das demandas do século 21, com destaque para o fomento da inovação, digitalização e descarbonização da economia. China, Japão e Coreia do Sul, por seu lado, seguem mantendo programas robustos de apoio à indústria. De acordo com a CNI, as principais economias mundiais estão empregando mais de US\$ 12 trilhões nessas políticas desde o ano de 2015.

Eletroquímica | A restrição fiscal é apenas um dos obstáculos à adoção de incentivos a determinados setores no Brasil. Há temores de que a adoção de visões ultrapassadas da indústria não colabore para uma verdadeira revitalização do setor. A forma como as estratégias serão

escolhidas e executadas poderá definir, por exemplo, qual será o grau de inserção da indústria brasileira nas cadeias produtivas de energias limpas e mobilidade elétrica que se conformam rapidamente ao redor do mundo. “O Brasil já perdeu a revolução dos semicondutores por falta de política industrial. Vamos perder também a revolução da eletroquímica?”, questiona Valter Knihs, diretor industrial e de sistemas da WEG.

O executivo se refere à criação de ambiente para a produção local de baterias de íons de lítio para armazenamento de energia, utilizadas em veículos elétricos e em fontes intermitentes de energia, como eólica e solar. A WEG avançou no mercado de baterias de lítio com a construção de uma fábrica de packs em Jaraguá do Sul – ampliando a produção já existente. Os packs são altamente tecnológicos, com sistemas de gerenciamento eletrônico, refrigeração e de segurança para as células de lítio, que são importadas. O mercado a ser atendido por esse projeto é o de ônibus elétricos, cada

vez mais adotados nas grandes cidades brasileiras.

O próximo passo neste mercado, que seria o de produção das próprias baterias, depende, de acordo com Knihs, de alguma política go-

vernamental que inclua incentivos e financiamentos para o setor e a existência de demanda, por meio de compras governamentais e da criação de regras para o setor elétrico definindo um percentual obrigatório para armazenamento de energia, por exemplo. No Brasil e em países vizinhos já há mineração de lítio e de outros componentes necessários para a produção de baterias. “Podemos ter empresas produzindo células de íons de lítio no Brasil e exportando os produtos acabados”, diz Knihs. Se não houver, o Brasil certamente será um grande exportador dos minerais necessários para a fabricação das baterias em outros países. Eis aí uma escolha de política industrial. **ic**

Pós-graduação **UniSENAI**

PREPARE-SE PARA OS
DESAFIOS PROFISSIONAIS
QUE ESTÃO POR VIR!

Conheça as áreas:

- Vestuário
- TI e Software
- Automação e Mecatrônica
- Alimentos e Bebidas
- Gestão
- Metalmeccânica

MATRÍCULAS ABERTAS

Processo Seletivo 2023/1



Acesse e saiba mais



Uma nova indústria ESTÁ NASCENDO

Transição para economia de baixo carbono é caminho natural para retomada industrial no País. Mesmo sem uma política estruturada para o setor, empresas já contabilizam ganhos com eficiência energética, reciclagem e economia de recursos

Com reportagem de **Mauro Geres**



Uma das combinações mais promissoras da atualidade é a que associa o desejo de reindustrialização de países (tema abordado na reportagem anterior) com a necessidade de descarbonização para mitigação dos efeitos do aquecimento global – o Brasil assumiu compromisso junto à Organização das Nações Unidas de zerar suas emissões líquidas até 2050. “A principal transformação econômica após a Revolução Industrial é justamente a transição para a economia de carbono zero”, afirmou Elizabeth Reynolds, pesquisadora do Instituto de Tecnologia de Massachusetts, dos Estados Unidos, em evento promovido pela FIESC.

Uma mudança dessa magnitude abre janelas para o desenvolvimento de novas tecnologias, produtos e serviços diferenciados e cadeias produtivas inteiras – em outras palavras, é uma gigantesca oportunidade de negócios. Não é à toa que a transição para a economia verde é a espinha dorsal do chamado Plano Biden, ou a nova política industrial dos Estados Unidos. A iniciativa prevê investimentos ou descontos de impostos de pelo menos US\$ 400 bilhões em 10 anos (pode chegar a US\$ 800 bilhões) para a geração de energia limpa, captura de carbono, produção de painéis solares, turbinas eólicas, veículos elétricos e muito mais. A União Euro-

peia, na mesma toada, aumentou os benefícios e incentivos para empresas de energia limpa se desenvolverem no continente. Os esforços de países asiáticos como a China também são notáveis.

No Brasil ainda se aguarda o desenho concreto de uma política de incentivos à economia verde, no contexto de uma nova política industrial. “A transição energética é uma enorme possibilidade para o desenvolvimento da indústria brasileira, desde que haja coordenação de estratégias empresariais com agendas de políticas públicas”, diz Rafael Lucchesi, diretor de Educação e Tecnologia da Confederação Nacional da Indústria (CNI) e presidente do Conselho de Administração do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES).

No Plano de Retomada da Indústria proposto pela CNI, uma das missões a que deve se dedicar o País nos próximos anos é a descarbonização. Para o seu cumprimento é necessário articular, na visão da entidade, quatro grandes programas: energias renováveis e eficiência energética; mercado de carbono; economia circular; e conservação florestal e bioeconomia. A partir de políticas públicas e programas voltados a temas como esses é que deverão surgir novas e grandes oportunidades para a indústria na direção da chamada economia verde. Estima-se no mercado que algo como R\$ 50

Compromissos DO BRASIL

2025

Atingir 37% de redução de gases do EFEITO ESTUFA

2030

REDUÇÃO de 50%

2050

Atingir a NEUTRALIDADE CLIMÁTICA

Obs.: Junto ao Secretariado da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre a Mudança do Clima (UNFCCC)



SHUTTERSTOCK



DIVULGAÇÃO

Parque Malwee, em Jaraguá do Sul: 1,5 milhão de metros quadrados e 35 mil árvores

trilhões em recursos hoje disponíveis no mundo se tornarão investimentos realizados de acordo com critérios e cláusulas ambientais.

Parte desses recursos pode vir para o Brasil em projetos, por exemplo, de produção de hidrogênio verde. O Boston Consulting Group estima que entre 2025 e 2050 governos e empresas deverão destinar de US\$ 6 trilhões a US\$ 12 trilhões em produção e transporte de hidrogênio com baixo teor de carbono para substituir combustíveis fósseis. Em junho a presidente da União Europeia, Ursula von der Leyen, anunciou, em visita ao Brasil, que o bloco investirá 2 bilhões de euros para estimular a produção de hidrogênio verde no Brasil. O combustível poderá ser consumido na Europa, que vive uma crise energética.

“A corrida planetária pela descarbonização é uma nova base para ancorar o avanço nacional”, diz Paulo Hartung, presidente executivo da Indústria Brasileira de Árvores (IBÁ), associação que reúne indústrias de

base florestal (leia artigo de Hartung na p. 66). As vantagens comparativas do Brasil nesta frente são conhecidas, pois detém 12% da água doce do planeta, 20% da biodiversidade e tem 60% do território ocupado por cobertura vegetal. Energias renováveis correspondem a 45% da matriz brasileira, mais que o triplo da média mundial. O desafio é transformar as vantagens comparativas em diferencial competitivo. O mercado de crédito de

US\$ 50 trilhões

Recursos disponíveis no mundo para investimentos em projetos associados à economia verde

carbono, crucial para o desenvolvimento do setor, sequer está regulamentado no Brasil. Diversas iniciativas já estão rodando, independentemente da formalização de uma política setorial e de sinais contraditórios emitidos pelo Governo em áreas como exploração de petróleo e incentivo à produção de veículos a combustão. “A descarbonização tem ganhado relevância e recebido importantes investimentos na indústria. A redução de emissões de carbono representa uma oportunidade econômica que, muitas vezes, garante o acesso a financiamentos de

programas e projetos”, afirma Mario Cezar de Aguiar, presidente da FIESC.

Na prática | Diante das tendências, indústrias procuram as melhores formas de inserir em suas estratégias os temas relacionados à chamada economia verde. De acordo com José Lourival Magri, presidente da Câmara de Meio Ambiente e Sustentabilidade da FIESC, a indústria catarinense como um todo é destaque no País em reciclagem de materiais, enquanto a indústria de alimentos eleva continuamente os controles para evitar gases de efeito estufa, como o metano.

“Outro destaque no Estado é o uso racional da água. A indústria de transformação – em especial o segmento têxtil – reduz o uso e amplia a reutilização da água”, diz Magri.

O Grupo Malwee, de Jaraguá do Sul, é conhecido por manter na cidade o Parque Malwee, que oferece 1,5 milhão de metros quadrados de área para usufruto da comunidade. O local abriga lagos e 35 mil árvo-

res, e serve para reforçar o respeito do grupo pelo meio ambiente. Paralelamente, ao longo dos anos, a empresa implementou uma política de gestão ambiental aliada aos planos de crescimento. “Podemos destacar o investimento em tecnologias e processos inovadores que vão do uso de matérias-primas mais sustentáveis em nossas coleções à gestão de água, efluentes, resíduos e controle da poluição atmosférica”, resume Anay

Zaffalon, diretora executiva de Negócios do Grupo Malwee.

Na década passada, a Malwee lançou seu primeiro compromisso público pa-

ra a redução de impacto em água, energia, emissões atmosféricas e resíduos. A logística reversa e a economia circular eram vistas como boas oportunidades de negócio. “O plano continha 15 metas das quais tivemos resultados positivos em todas e superamos nove delas, dando destaque para a redução de 75% das emissões de gases do efeito estufa na troca de matriz energética e in-

Roupa de fios reciclados: emissão de gás carbônico reduzida em 44%

US\$ 17 trilhões

Perdas para a América do Sul se houver aumento de 3°C na temperatura até 2070

Fonte: Deloitte

Rizzo: resposta tecnológica para demanda aparentemente conflitante



FILIPESCOTTI

Mundo quer menos carbono e mais energia

Para isso não bastam fontes alternativas, também é preciso eficiência energética

Uma fatia de 65% da população mundial responde por apenas 32% das emissões de gás carbônico e por 35% do consumo de energia. A inclusão social em larga escala depende de energia, o que representa um paradoxo em relação à necessidade de combater as mudanças climáticas. “Mais energia significa mais vida, pois a expectativa e a qualidade de vida aumentam com maior oferta de segurança, saúde e higiene, moradia digna, água potável e alimentação adequada, o que consome muita energia”, afirma Fernando de Rizzo, CEO da Tupy, de Joinville.

O consumo mundial aumenta continuamente, e a maior parte do

excedente que é produzido a cada ano provém de fontes não renováveis. Isso dá uma ideia do tamanho do desafio da transição energética, que deve não apenas substituir como também suportar um forte aumento de demanda, estimada em 30% até 2040. “Como enfrentamos esses desafios de forma combinada? Estamos alinhando a companhia nessa direção”, diz Rizzo.

A Tupy lança mão da inovação para promover eficiência energética e o melhor aproveitamento das energias disponíveis, e assim colaborar para a jornada de descarbonização de seus clientes ao redor do mundo – a companhia é elo das cadeias de suprimentos dos setores de transporte, agricultura, infraestrutura e geração de energia. Um dos exemplos é o desenvolvimento de um bloco de motor para veículos movidos a etanol e híbridos produzido com material desenvolvido na própria empresa. O Ultra Light Iron Block é de ferro, mas é mais leve que o bloco equivalente em alumínio, emite metade do gás carbônico no processo de produção e ainda tem custo 25% menor.

A Tupy também desenvolve motores de combustão interna a hidrogênio para caminhões e tratores criando novas ligas metálicas e técnicas de usinagem. Outro projeto envolve o reúso e reciclagem de baterias de lítio para veículos elétricos, em parceria com a USP e o SENAI. Na MWM, empresa do grupo que fabrica motores a gás e geradores, há um projeto em curso para o aproveitamento de biogás e biometano, que é equivalente ao gás natural, para geração de energia.

vestindo em eficiência de processo”, detalha a executiva.

Em seu Plano ESG 2030 há o compromisso de reduzir em mais 50% a emissão de gases do efeito estufa. E também o de ter 100% dos seus produtos fabricados com matérias-primas e/ou processos com menor impacto ambiental. É neste contexto que se encaixa o Fio do Futuro, uma matéria-prima de moda inédita no mercado brasileiro. Ele é fabricado com 70% de resíduo têxtil pós-consumo e 30% de uma fibra complementar, processo que emite 44% menos gás carbônico e consome menos 30% de água na sua produção, de acordo com a empresa. O projeto nasceu da prática de reciclagem de resíduos e da compra de fios PET reciclados, que respondem pela quase totalidade do poliéster usado pela companhia hoje em dia.

Circularidade | A versão do fio que está sendo utilizado este ano é composta por 85% de peças usadas que seriam descartadas e 15% de fibra de poliéster. A composição mostra uma evolução em relação ao projeto-piloto que previa a composição do fio com 70% de peças usadas e 30% de fibra complementar. A projeção inicial é de que o Fio do Futuro integre pelo menos 25% dos novos produtos. “A curto prazo, nosso objetivo é termos o insumo presente na maioria das coleções das marcas Malwee e Malwee Kids”, informa Zaffalon.

Maior fabricante de embalagens em EPS (o popular isopor) do Brasil, a Termotécnica, de Joinville,

foi pioneira em focar na correta destinação das embalagens para a proteção de itens como refrigeradores, fogões, eletrodomésticos e eletroeletrônicos. Após mais de 20 anos defendendo de forma pioneira a circularidade do material, o presidente da companhia, Albano Schmidt, soma conquistas. “Desde 2007, quando criamos o Programa Reciclar EPS, já recuperamos e reciclamos mais de 44 milhões de quilos de EPS pós-consumo, o que representa cerca de um terço de todo o material reciclado no mercado”, resume o empresário.

O programa se baseia na logística reversa junto a produtores, distribuidores e varejistas, e inclui também o consumidor final. O material é destinado a cooperativas de

Geradores de gases do efeito estufa

	Mundo	Brasil
Energia*	76%	19%
Agropecuária	12%	28%
Processos industriais	6%	5%
Mudanças de uso da terra**	3%	44%
Resíduos	3%	4%

(*) Inclui geração elétrica, transportes, combustão na indústria, residência e estabelecimentos e outros; (**) Inclui desmatamento e queimadas. Obs.: Dados de 2018 (mundo) e 2019 (Brasil). Fontes: World Resources Institute/Climate Watch/CAIT

SHUTTERSTOCK



reciclagem e depois retorna para as fábricas da Termotécnica em Joinville, Manaus (AM), Petrolina (PE), Rio Claro (SP) e São José dos Pinhais (PR). Ele passa por um processo de retirada do ar e se transforma em uma nova matéria-prima, denominada Repor – marca de poliestireno reciclado da Termotécnica. O Repor é fornecido para empresas que fabricam artigos como rodapés, molduras, solados de sapatos, cachepôs, réguas e deques para piscinas. “A demanda vem aumentando à medida que a consciência das empresas sobre a economia circular vem crescendo e também pela pressão da sociedade”, diz Schmidt.

A iniciativa abriu as portas para novos negócios. Em 2020 a petroquímica Unigel lançou uma marca de produtos sustentáveis, o Ecogel, que deu origem a uma parceria com a Termotécnica e a Electrolux. A Unigel fornece o monômero de estireno para a Termotécnica,



FOTOS: DIVULGAÇÃO

Schmidt: bitributação encarece e desestimula a reciclagem de EPS

matéria-prima para a produção de embalagens em EPS, que são utilizadas pela Electrolux para a integridade de seus produtos no transporte. Além disso, a Unigel fornece poliestireno para a Electrolux, que é empregado na fabricação de peças do interior de refrigeradores, como prateleiras e gavetas. E o Repor, por sua vez, é uma importante matéria-prima na produção do Ecogel, que é um plástico reciclado.

Novas parcerias foram firmadas com a Cremer, de Blumenau, e a Santa Luzia, fabricante de rodapés e molduras de Braço do Norte. “De todo o EPS que a Termotécnica produz, 15% são reprocessados. A meta é chegar a 25% até 2030”, projeta o empresário, assinalando que se não fosse a bitributação que incide no produto recolhido e reaproveitado, o quadro seria melhor. “Se o projeto de desoneração que está parado no Senado for aprovado teremos um grande incentivo para crescer mais rapidamente”, garante Schmidt. ic

Termotécnica responde por cerca de um terço de todo o EPS reciclado no País



agiliza

Faça mais com menos na sua linha de produção

- Evite retrabalhos
- Reduza custos e desperdícios
- Aumente a capacidade de produção



Inscreva-se agora!
Vagas limitadas

agiliza.sc.senai.br

Sem custos para a sua empresa

*O valor do programa é subsidiado pelo SEBRAE

Exclusivo para micro e pequenas empresas de Santa Catarina.



Conexão entre passado e futuro

Dando continuidade ao legado do pai e do avô, dois ícones da indústria brasileira, **Felipe Hansen**, líder da terceira geração do Grupo Tigre, conduz um novo ciclo de expansão da empresa

Por **Maurício Oliveira**



As lembranças mais antigas de Felipe Hansen relacionadas à empresa da família são lúdicas. Quando ele era criança, na década de 1980, o pai o levava para passear de buggy pela fábrica, ao lado da mãe, Rosane, e das irmãs, Carolina e Cristiane. “A gente fazia perucas improvisadas com os macarrões de plástico que amarravam os tubos de PVC. Era um momento muito especial de brincadeiras em família”, lembra Felipe, hoje presidente do Conselho de Administração da Tigre, da holding CRH e do Instituto Carlos Roberto Hansen. Esses passeios pela fábrica – que só podiam acontecer aos domingos, claro – foram parte de uma infância leve e tranquila em Joinville. “Mesmo com meu avô e meu pai trabalhando muito, eles sempre davam um jeito de separar tempo para compartilhar com a família.”

O pai e o avô são dois ícones da história empresarial catarinense e brasileira. O avô, João Hansen Júnior (1915-1995), foi o empreendedor visionário que transformou uma fábrica de pentes à beira da falência – negócio que assumiu em 1941, aos 26 anos – na pioneira do segmento de tubos e conexões de PVC no Brasil. No início da década de 1990, João passou o bastão ao filho Carlos Roberto Hansen (1951-1994), conhecido como Cau, que já atuava na expansão dos negócios e consolidou a Tigre como marca de reputação internacional. Cau morreu tragicamente num acidente aéreo na Colômbia, em 1994.

Felipe estava na adolescência quando perdeu o pai e, no ano seguinte, o avô. Diante da missão de levar adiante o legado familiar, ele não chegou a ter dúvidas sobre trabalhar ou não na empresa. “Minha única questão era se eu estaria à altura das grandes figuras que me antecederam. À medida que tive uma preparação ampla, tanto teórica quanto prática, passei a acreditar com mais segurança que poderia dar a minha contribuição à história da Tigre”, conta o líder da terceira geração. Além da formação em Administração

de Empresas, a preparação incluiu uma série de cursos complementares de gestão e de Governança Corporativa.

Felipe começou a trabalhar no Grupo Tigre em 1998, como estagiário. Acumulou várias experiências até assumir, em 2004, a presidência da CRH Indústria e Empreendimentos, a holding da Tigre. Em 2015 assumiu a presidência do Conselho de Administração da Tigre, substituindo Rosane Hansen, que esteve na cadeira por duas décadas, desde a morte do marido. “Suceder minha mãe foi um misto de felicidade e de muita responsabilidade para mim, pois ela sempre me inspirou demais”, descreve.

A morte precoce e totalmente inesperada do líder levou a empresa ao caminho de fortalecer a Governança Corporativa, tema em que a Tigre se tornou referência. “O conselho fortalecido foi essencial para que minha mãe pudesse conduzir os negócios da família na ausência do meu pai”, avalia Felipe. Hoje, como presidente da CRH, ele é responsável pela gestão de todos os negócios do grupo, que incluem a Tigre, o **Instituto Carlos Roberto Hansen**, o Centro Empresarial CRH, um espaço de *coworking*

O braço social do grupo, criado em 2003, ganhou o nome de **Instituto Carlos Roberto Hansen**.

Desde então, os investimentos feitos pelo Instituto chegam a **R\$ 75,1 milhões**, em **7,4 mil projetos** que beneficiaram mais de **6,5 milhões de pessoas**.

Muitas das atividades do ICRH envolvem **ações de voluntariado dos colaboradores da Tigre**.



“Nós, da família Hansen, temos o entendimento claro de que somos portadores do patrimônio, com o compromisso de fazê-lo prosperar, e não donos”

FOTOS: DIVULGAÇÃO



FUNDAÇÃO
1941



SEDE
Joinville



COLABORADORES
4.900



RECEITA LÍQUIDA
(2022)
R\$ 5,88 bilhões



PONTOS DE VENDA
90 mil



PORTFÓLIO
+15 mil produtos



UNIDADES FABRIS
24, em dez países

(apelidado de “Cauworking”), o Parque Hansen e diversos projetos imobiliários, com destaque para o Bairro Cidade das Águas, em Joinville, e o Paraíso das Araucárias, em Campo Alegre.

Inspirado no projeto do bairro planejado Pedra Branca, em Palhoça, o Cidade das Águas proporcionará uma nova experiência para morar, trabalhar, estudar e se divertir em Joinville – tudo em um mesmo lugar. Em fase de licenciamento e demais liberações, o empreendimento é coordenado pela HPB, holding formada pela parceria entre CRH e Pedra Branca. A expectativa é de que as obras comecem no ano que vem, envolvendo investimentos de R\$ 700 milhões na primeira fase.

Sociedade | No ano passado, pouco depois de a Tigre ter completado 80 anos de história, o grupo se associou ao fundo Advent International, que adquiriu 25% da empresa por

R\$ 1,35 bilhão – valor que vem sendo aplicado para impulsionar uma nova fase de expansão da companhia. A perspectiva de uma sociedade como essa já vinha sendo discutida internamente ao longo da década anterior, lembra Felipe. Quando surgiu a proposta ideal, a ideia estava amadurecida. “É uma parceria que amplia nossa visão de negócios, de mercado e de performance, sem descuidar dos pilares que sempre garantiram nossa sustentabilidade”, analisa Felipe. “A valorização das pessoas, o respeito ao meio ambiente, a transparência e a ética na condução dos negócios têm sido o fio condutor na tomada de decisão em todos os níveis da organização, e assim continuará sendo.”

Por mais que o mundo e a empresa tenham mudado desde a fundação, em 1941, Felipe vê diversas conexões entre a Tigre de hoje e a empresa criada pelo avô. “Continuamos seguindo sua visão inova-

dora, com foco no bem-estar de todas as pessoas”, observa. “Hoje somos uma marca empregadora reconhecida no Brasil e no exterior, por conta do nosso propósito e das nossas políticas de recursos humanos, mas especialmente pela nossa história de relacionamentos e negócios éticos e transparentes.”

Otimismo | Um dos focos de atuação da empresa para a próxima década está no esperado salto no saneamento do País, a partir das ações decorrentes da aprovação, em 2021, do marco regulatório do setor. Segundo o levantamento mais recente do Instituto Trata Brasil, quase 35 milhões de pessoas ainda não têm acesso à água potável no Brasil e cerca de 100 milhões não dispõem de coleta de esgoto. Diversas iniciativas, unidades de negócios e equipes do grupo dedicadas ao tema foram reunidas na Tigre Saneamento. “Estamos determinados a contri-

buir ainda mais para que o Brasil possa suprir sua população desse serviço essencial”, diz Felipe.

Classificando-se como “otimista por natureza”, ele destaca outros motivos para acreditar em um bom 2023: a força do agronegócio, a retomada dos investimentos na indústria, a consolidação de programas sociais e a reforma tributária. Quando olha para o futuro, é impossível não vislumbrar o momento em que a Tigre completará 100 anos, em 2041. A grande missão de Felipe é conduzir o legado familiar à geração dos filhos, Mathheus e Isadora. “Nós, da família Hansen, temos o entendimento claro de que somos portadores do patrimônio, com o compromisso de fazê-lo prosperar, e não donos.” IC

O trabalho é a MELHOR saída

Governo expande vagas de trabalho em penitenciárias de Santa Catarina, mas aumento de exigências e de investimentos para empresas pode dificultar o processo, que é importante para ressocialização dos presos

Por **Leo Laps**

Santa Catarina tem a quarta maior taxa de ocupação laboral do Brasil em presídios e penitenciárias. Mais de um terço dos 24.700 detentos nas 52 unidades prisionais do Estado trabalham diariamente em troca de um salário mínimo e da remissão de suas sentenças: um dia a menos de cadeia para cada três trabalhados. As maiores parceiras do sistema penal neste processo de ressocialização são empresas privadas, principalmente indústrias, responsáveis por 55% das 8.400 vagas de emprego oferecidas atualmente para presidiários em Santa Catarina. E é com elas que o Governo Estadual conta para abrir outras 6.200 vagas até o final de 2023 naquilo que a Secretaria de Estado da Administração Prisional e Socioeducativa (SAP) con-

sidera que será a maior expansão de vagas da história prisional do Brasil.

Para obter o direito de contratar detentos, as empresas precisam passar, desde 2018, por um complexo processo de chamamentos públicos (até então, elas entravam no sistema por meio de convites e acordos). Os editais em andamento, que tramitam em fases diversas, receberam propostas até fevereiro. O superintendente de Trabalho e Renda da SAP, Antônio Altino de Farias, informa que até junho 30% das vagas que a SAP abriu através dos chamamentos no começo do ano já estão efetivadas e homologadas para empresas como a Ogochi. A marca de roupas masculinas sediada em São Carlos, no Oeste do Estado, poderá montar operações em até quatro municípios catarinen-



EDUARDO VALENTE/SCOM

ses e se tornar uma das maiores contratantes do sistema penal brasileiro. As vagas restantes deverão ser preenchidas por outras indústrias por meio de contratação direta, o que a legislação atual permite após o processo de editais se desenrolar.

Para Farias, o método de ressocializar presidiários através do trabalho vem se mostrando muito mais eficaz do que simplesmente deixar detentos entregues ao ócio. “Nossa missão é, primeiro, executar as sentenças e, em segundo lugar, preparar o indivíduo para voltar à sociedade melhor do que quando entrou. Além disso, prisões com alto índice de trabalho são mais calmas e tranquilas. O indivíduo tem uma fonte de renda, há movimentação econômica regional e a redução de

pena desonera o Estado. A ocupação laboral é, de fato, uma estratégia de segurança do Governo”, destaca o superintendente.

Atualmente existem mais de 200 parcerias laborais dentro das cadeias de Santa Catarina. Junto àquelas articuladas com a iniciativa privada, há também emprego através de institui-

Área industrial na penitenciária de Curitiba: maior taxa de ocupação laboral de SC



ções públicas, como 26 prefeituras e a Casan, além de oficinas próprias, que executam serviços com fins externos ou internos – por exemplo, fabricar lençóis e fronhas a serem utilizadas nas próprias unidades, ou confeccionar uniformes para a rede estadual de ensino.

As superintendências das regiões Serrana e Oeste são as que têm as melhores taxas de ocupação laboral dentro dos seus presídios – 44,4% e 43,5%, respectivamente. Na região Serrana fica a Penitenciária Regional de Curitibaanos, que chegou a empregar 100% dos detentos antes da pandemia. O principal motor de contratação é o Grupo Berlanda, do deputado estadual Nilso Berlanda (PL), que tornou a ressocialização de detentos pelo trabalho uma de suas principais bandeiras políticas. Atualmente, 78% dos apenados da unidade trabalham, e o objetivo é voltar aos números pré-pandemia ainda este ano.

Além da remissão gradual da pena, detentos que trabalham recebem um salário mínimo por mês. Mas

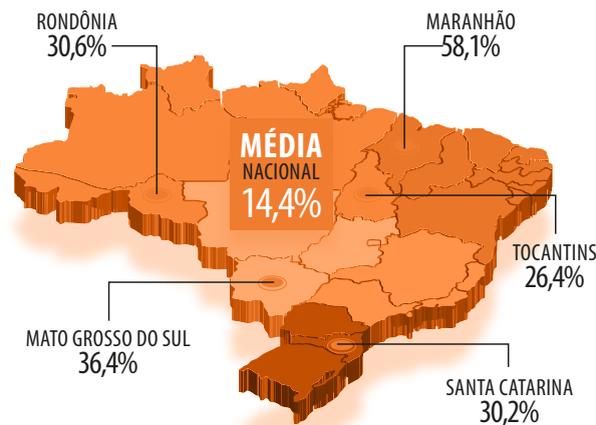
apenas metade do valor pode ser utilizada de forma imediata pelo preso e sua família: outros 25% vão para uma poupança que só poderá ser resgatada no final da sentença (o chamado pecúlio) e os 25% restantes são destinados ao Fundo Rotativo, um sistema de gerenciamento de recursos para o sistema prisional criado pelo Governo Federal em 1978.

O Fundo Rotativo catarinense é dividido em oito superintendências regionais mais a Penitenciária de São Pedro de Alcântara. Cada uma delas gerencia os valores gerados na própria região pelo trabalho dos apenados, além de dotações orçamentárias do Estado e outras contribuições e entradas. Em 2022, segundo dados da SAP, o trabalho de apenados gerou um total de R\$ 140 milhões, ficando cerca de R\$ 31,2 milhões para o Fundo Rotativo. O dinheiro é aplicado em reformas e manutenções, na compra de produtos e matérias-primas e na contratação de serviços.

Para as empresas, uma das principais vantagens é financeira: o salário mínimo é pago sem nenhum encargo trabalhista, inclusive férias ou 13º salário. Além disso, a contratante obtém mão de obra em um período de pleno emprego no Estado, onde postos de trabalho em fábricas demo-

Trabalho de apenados gerou R\$ 140 milhões em 2022

Maiores taxas de ocupação laboral no sistema prisional



Fonte: SAP/ Anuário Brasileiro de Segurança Pública, 2022



Sabrina França: frequência gera remissão em sentenças

Capacitação para a vida

Educação também é instrumento de reabilitação e abre oportunidades

A ressocialização dos presidiários não passa apenas pelo trabalho. A educação também tem papel fundamental e passa por todos os níveis, inclusive o ensino superior. Em Blumenau, desde o início deste ano 50 detentos participam de um curso superior em Logística, oferecido em parceria com a paranaense Unopar. “Todos os alunos pagam mensalidades e estudam nas terças, quintas e sextas-feiras à noite, e a frequência gera remissão nas sentenças”, informa Sabrina Lang França, coordenadora de Educação da Penitenciária Industrial de Blumenau (PIB).

Os presos contam com parcerias com o SENAI e outras instituições para se capacitar e completar o ensino médio e fundamental. O SENAI oferece atualmente 200 matrículas do curso de Aperfeiçoamento Profissional em Fabricação de Artefatos de Cimento em São Cristóvão do Sul e Chapecó. A cada 12 horas de curso profissionalizante os detentos reduzem em um dia suas sentenças. Até hoje, quase 2 mil apenados já foram capacitados pelo SENAI em cursos como o de Costura Industrial, Serigrafia e Auxiliar de Logística. “O trabalho, a capacitação, o fato de ter uma renda e uma poupança quando completar sua sentença, tudo isso ajuda a evitar que o apenado volte a cometer um delito”, afirma Felipe Coppe, gerente do setor laboral da PIB.





Rausch e Rodrigues, da Bella Arte, e produção na penitenciária de Blumenau

ram meses para serem preenchidos, quando o são. A empresa também tem muito menos problemas com assiduidade, mas obviamente lida com uma série de outros desafios.

Instabilidade | A Bella Arte, de Gaspar, especializada em acessórios para cortinas e utilidades para o lar, conta com o trabalho de detentos da Penitenciária Industrial de Blumenau (PIB) desde 2016, meses depois da inauguração da unidade prisional localizada a cerca de 10 quilômetros da fábrica. Na época a empresa foi convidada pela direção da cadeia a instalar uma oficina no local. Hoje disponibiliza 162 vagas de emprego em três unidades prisionais da região do Vale do Itajaí. Cerca de 80% de tudo o que é produzido passa pelas unidades, que realizam a montagem de kits que são vendidos em mais de 7 mil pontos de venda no Brasil, na América Latina e na África.

“Fomos um projeto-piloto. Tivemos que fazer reformas e adaptações para nos instalarmos e fomos aprendendo com os erros, entendendo como funcionam as coisas dentro do

sistema prisional”, conta o gerente industrial Vander Rodrigues, que acompanha o processo de implementação das oficinas da Bella Arte nas cadeias desde o início e já enfrentou situações de instabilidade. Ele lida diretamente com os líderes, funcionários que trabalham em tempo integral coordenando cada oficina dentro do presídio. É um trabalho que demanda acompanhamento psicológico constante para evitar, por exemplo, aliciamentos, algo que infelizmente está entre os cenários já vivenciados.

“Tivemos um líder que foi pego tentando infiltrar celulares no presídio. Isso nos fez aprender ainda melhor sobre como escolher as pessoas que vão trabalhar lá”, revela Rodrigues. Apesar de parecer pouco atraente, ele garante que há uma fila de interessados em trabalhar nas unidades prisionais. “Além de um bônus financeiro, eles são muito valorizados dentro da empresa”, afirma.

Outros problemas enfrentados são as incertezas e surpresas. Em outubro do ano passado, de um dia para outro, a direção da empresa foi informada que os 60 apenados que

trabalhavam em uma das unidades foram punidos por uma infração e retirados das vagas de trabalho. A empresa só voltou a contar com todo o efetivo, formado por outros detentos, 45 dias depois. “A gente não discute quando uma ordem vem de lá, a segurança está em primeiro lugar. Mas esta é uma das razões para que não haja uma procura maior por parte das empresas”, avalia Rodrigues.

Essa dinâmica fez com que a em-

Presídios com maior número de trabalhadores

UNIDADE PENAL	Presos trabalhando	Taxa de ocupação laboral
Curitiba (Penitenciária)	773	78,4%
Chapecó (Penitenciária)	770	60,1%
Itajaí – CPVI (Penitenciária)	646	41,5%
São Pedro de Alcântara (Penitenciária)	527	40,3%
Criciúma (Penitenciária Sul)	427	45,5%
Joinville (Penitenciária Industrial)	411	46,2%

Fonte: SAP

presa investisse em um sistema mais robusto para seus estoques, que hoje conta com 12 mil metros quadrados dedicados ao armazenamento, e durante a pandemia conseguiu entregar produtos quando outras

ESTÁGIO 4.0



Novos talentos, novas ideias.

Soluções personalizadas e de qualidade em agenciamento de estágio

Selecionamos os melhores talentos para as empresas, apoiando a capacitação de estudantes e o crescimento das organizações.



Entre em contato e saiba mais.

f /ielsc @iel_sc in iel-sc

- Economia
- Assinatura com um clique
- Seleção inteligente online
- Software especializado em gestão de estágio
- Modalidades
- Reconhecimento



Alves: Blumenau poderá mais do que dobrar vagas de trabalho para detentos

empresas já tinham zerado os estoques. “Se a empresa não tem a ideia de trabalhar com estoques é melhor não operar com apenados. Tivemos que nos adequar, e isso trouxe benefícios: com um estoque regulador ganhamos rapidez nas entregas e conquistamos grandes clientes”, conta o diretor Tarcísio Rausch.

Galpões | Além da Bella Arte, os apenados da PIB têm oportunidades de trabalho na Porto Franco, indústria têxtil com sede em Botuverá, em uma oficina de costura do Estado, na cozinha da unidade e em serviços de manutenção e limpeza – há um total de 215 presos trabalhando. A penitenciária foi inaugurada em 2016, mas ainda falta ser construído no local um novo presídio e uma unidade voltada para os regimes semiabertos. “Além do espaço para as obras que transformarão o local em um grande complexo penitenciário, há terrenos para a construção de dois galpões com 800 metros quadrados cada, onde 300 presos poderão trabalhar”, afirma o diretor da PIB, Maicon Ronald Alves.

As indústrias parceiras do sistema penitenciário aguardam os desdobramentos de uma mudança na legislação assinada pelo ex-governador Carlos Moisés no desfecho de seu mandato, em 30 de dezembro de 2022. A Lei Complementar nº 809 alterou as regiões do Fundo Rotativo e também trouxe uma novidade: passar a cobrar das empresas que operam dentro de unidades prisionais tarifas de água, esgoto e energia elétrica, além de outras despesas. Atualmente, todas as empresas no Estado operam sem pagar essas despesas – um incentivo e tanto para entrar no sistema – e a mudança de regras impõe um grande desafio ao plano do Governo de ampliar o número de vagas de trabalho nos presídios.

O prazo estipulado pela lei para implementar relógios próprios de medição de consumo, de 180 dias, se revelou “insuficiente, necessitando de projetos junto à concessionária de energia, sem adentrar nas questões de ordens técnicas diante das complexidades peculiares a cada Unidade Policial Penal para individualização das tarifas de consumo”, conforme Farias relata em ofício de 26 de maio ao diretor-geral do Departamento de Polícia Penal, Leo da Silva Feliciano. “Algumas empresas estão reclamando, outras estão aceitando e se interessando. Mas há uma dificuldade evidente de execução, além dos valores”, completa Farias, informando que o custo para instalar os relógios pode chegar a mais de R\$ 400 mil. “A gente está tentando dialogar para encontrar uma solução”, adianta. **IC**

EJA

PROFISSIONALIZANTE

A educação que constrói
novos **FUTUROS**
para a indústria

A qualificação profissional é o caminho para o crescimento da sua empresa e do estado de Santa Catarina.

O desenvolvimento dos trabalhadores gera mais resultados para a indústria.



GRATUITA
para trabalhadores
da indústria

INSCRIÇÕES
ABERTAS

escola-s.com/eja



Camarões das profundezas

Barco Cordeiro de Deus, de Navegantes, localiza e captura os valorizados camarões-carabineiros em profundidades de até um quilômetro, e os produtos são limpos, processados e embalados ainda a bordo

Por **Leo Laps**

No ano passado o chef Mateus Proença, proprietário do restaurante Nakaixa Sushi, de Florianópolis, foi buscar conhecimento para sair do que ele considerava “a mesmice do cream cheese e do salmão” que domina o cardápio dos estabelecimentos dedicados à gastronomia japonesa no Brasil. Por meio de cursos realizados em São Paulo ele apurou técnicas e conheceu melhor a história da culinária milenar do país asiático, mas uma de suas melhores descobertas foi o camarão-carabineiro, um crustáceo de cor vermelho vivo que pode atingir 35 centímetros de comprimento e tem um sabor delicado, adocicado e com muito umami (o quinto gosto básico do paladar humano, descoberto em 1908 pelo



SHUTTERSTOCK

cientista japonês Kikunae Ikeda). A espécie, cujo nome científico é *Aristaeopsis edwardsiana*, ganhou fama nacional recentemente, através de uma publicação viral nas redes sociais da chef-celebridade Paola Carosella, no começo do ano. O preço médio, no entanto, não é dos mais populares: valores apurados na Região Sudeste variam entre R\$ 270 e R\$ 400 o quilo.

O único barco com permissão para pescar o camarão-carabineiro na costa brasileira é o Cordeiro de Deus, uma embarcação com 27 metros de comprimento que funciona como uma fábrica, limpando, processando e embalando os animais pescados ainda em alto-mar. O barco foi construído na Foz do Rio Itajaí-Açu, envolvendo empresas e estaleiros de Itajaí e Navegantes e contando com a dedicação e empenho de Manoel Cordeiro, um armador empreendedor que já foi tema do programa Globo Mar, da Rede Globo, em 2013, quando pescava outra espécie “diferente”: o peixe-sapo, uma iguaria pouco servida nas mesas brasileiras mas que faz muito sucesso na Europa e nos Estados Unidos.

Nascido há 54 anos no Bairro Gravatá, em Penha, Manoel Cordeiro tem água salgada no sangue. “Nasci no mar”, brinca. O pai pescava camarão-sete-barbas e ele seguiu seus passos. Aos 16 anos de idade começou a trabalhar embarcado e aos 25 anos se tornou mestre de um pescador de cação-anjo. Notabilizou-se por sempre buscar alternativas para fugir da concorrência e fazer algo diferenciado. Em 2002, juntando suas economias e contando com



DIVULGAÇÃO

a ajuda do pai e do irmão, montou e equipou um barco diferenciado, com porão refrigerado e revestido de inox e equipamento hidráulico para içamento, com a finalidade de capturar e processar o peixe-sapo.

Etapa final da construção do barco-indústria: preços de insumos dispararam

Adaptações | Os primeiros passos para o projeto do novo barco, que iniciou os testes em alto-mar em setembro do ano passado, começaram em 2016, e a construção, que demandou 110 toneladas de aço, começou no ano seguinte. A ideia inicial era que o barco fosse dedicado à pesca do peixe-sapo, somando esforços à outra embarcação. Porém, em 2018, a Europa suspendeu a importação de peixes do Brasil, o que causou enorme prejuízo a Cordeiro. O armador buscou uma alternativa de pesca de profundidade para seguir adiante com o projeto, e foi assim que chegou ao camarão-carabineiro, o que exigiu uma série de adaptações ao projeto. As dificuldades, entretanto, continuaram. Na



Manoel Cordeiro diz que tem água salgada no sangue: "Nasci no mar"

da a eviscerar os peixes e deixá-los prontos para a distribuição em terra firme. O modelo atual tem inovações como uma sonda que desce a mais de 800 metros de profundidade para rastrear os camarões e um sistema de congelamento que, em meia hora, coloca a carne limpa e processada a 35 graus negativos. Tudo

EDSON JUNHEIS/ARQUIVO FIESC

pandemia os preços de insumos e peças chegaram a triplicar.

"Tive que buscar no mercado de segunda mão, comprar coisas em ferros-velhos ou em estaleiros que estavam fechando. Foi um período muito complicado, de quase desistir do projeto", relata Cordeiro. A antiga embarcação de peixes-sapos também se chamava Cordeiro de Deus e pode ser considerada uma espécie de protótipo, com tripulação dedica-

que é pescado é despejado diretamente dentro da fábrica do barco, que fica no meio do casco.

Apesar de enfrentar problemas de saúde que exigem tratamento contínuo, Cordeiro faz questão de embarcar por até 40 dias a bordo do seu barco, com mais 10 tripulantes, para comandar a pescaria do camarão-carabineiro, que representa quase 90% do que é puxado pelas redes do Cordeiro de Deus – alguns peixes e crustáceos como o caranguejo real também acabam sendo aproveitados. "É uma pesca muito difícil, um trabalho duro, mas que compensa quando se vê o camarão subindo na rede, com aquela cor muito linda. Passei muita dificuldade para construir este barco. Tive que me desfazer do outro barco e de vários imóveis para fazer acontecer e, agora, ver que está dando certo motiva muito", conta o armador.

O Cordeiro de Deus já se firmou como uma referência na região de Itajaí, que concentra o maior polo pesqueiro industrial do Brasil. O Sindicato dos Armadores e das Indústrias da Pesca de Itajaí e Região



DIVULGAÇÃO



Pratos do Nakaixa Sushi, do chef Mateus Proença: sabor do camarão impressiona

(Sindipi) congrega mais de 300 associados, 254 armadores e 467 embarcações que geram aproximadamente 3.500 empregos diretos. O polo pesqueiro é formado ainda por 48 indústrias, entre elas as duas maiores enlatadoras da América Latina, que geram mais de 6 mil empregos diretos. "A embarcação Cordeiro de Deus é um modelo do que é a pesca industrial e do que buscamos enquanto entidade: uma pesca cada vez mais rentável e sustentável", afirma Agnaldo Hilton dos Santos, presidente do Sindipi.

Hábitos | Cordeiro ainda está aprendendo sobre os hábitos e mapeando os melhores lugares para encontrar o camarão-carabineiro. Mas a cada saída de mais de um mês para alto-mar ele retorna com uma média de 4,5 toneladas. Os principais locais de pesca ficam em águas próximas a Cabo Frio, no Rio de Janeiro, São Sebastião, em São Paulo, em toda a Costa do Paraná e entre Itajaí e Florianópolis, sempre em profundidades que variam de 400 metros a até um quilômetro. Atualmente,

toda a produção do barco é entregue para a Frescatto Company, uma das maiores indústrias de pescados do Brasil, que distribui o crustáceo para restaurantes de todo o País, além de exportar o produto para a Europa e Estados Unidos.

Nem toda, na verdade. A família de Cordeiro, que tem suas duas filhas morando em casa, tem o privilégio de degustar com frequência pratos confeccionados pelo próprio armador, que separa alguns espécimes para cozinhar quando não está em alto-mar. Atualmente, é raro encontrar o camarão-carabineiro em uma peixaria: o produto é negociado pela Frescatto principalmente com restaurantes como o do chef Mateus Proença, em Florianópolis. O fundador do Nakaixa usa a iguaria em um menu especial, intitulado Confiança, em que ele prepara um prato do dia com o que tem de melhor na sua cozinha. "Os clientes saem daqui deslumbrados com o tamanho, a cor do camarão e, principalmente, o sabor. Sempre aproveito para contar um pouco sobre o trabalho do seu Manoel, que é algo fantástico", elogia o chef. ic

O Cordeiro DE DEUS

27 metros de comprimento

110 toneladas de aço

40 dias a bordo em cada jornada

4,5 toneladas por viagem, em média

10 tripulantes

DIVULGAÇÃO

ECONOMIA VERDE é aposta certa para o Brasil

Se o Brasil almeja o desenvolvimento consistente, é imperativo encarar a série de desafios que coloca uma bola de ferro no tornozelo do País. Infraestrutura precária, educação básica e profissionalizante deficitárias, insegurança jurídica e um sistema tributário caótico, além da atual fragilidade da indústria nacional, formam um conjunto de dificuldades que devem ser endereçadas.

A boa notícia é que há novas bases para ancorar o avanço nacional, como a corrida planetária pela descarbonização. Enquanto a Europa enfrenta uma crise energética, que dificulta sua transição, o Brasil já dispõe de uma matriz composta em 47% por fontes renováveis. O processo industrial no velho continente, segundo a Agência Europeia Ambiental (AEA), é responsável por quase 10% das emissões de GEE na região, enquanto aqui a indústria representa 4%, de acordo com o Observatório do Clima.

Tais constatações, somadas aos nossos ativos ambientais, permitem vislumbrar um futuro próspero, inclusive para a indústria nacional. Há exemplos dentro do próprio Brasil que podem inspirar. O setor de árvores cultivadas é um modelo que preza pelo uso inteligente da terra, respeito pela natureza e cuidado com as pessoas. Planta, colhe e replanta, comumente em áreas antes degradadas, totalizando 9,9 milhões de hectares de cultivo.

As companhias florestais ainda conservam outros 6,05 milhões de hectares, uma extensão maior do que o Estado do Rio de Janeiro.

Competitiva, esta agroindústria é a segunda produtora global de celulose e a maior exportadora do item. Além disso, posiciona-se entre os 10 maiores fabricantes de papel e painéis de madeira. China, Europa, Estados Unidos e América Latina são os principais destinos dos produtos florestais. Hoje, a carteira de investimentos do setor até 2028 ultrapassa os R\$ 60 bilhões em florestas, logística, P&D, modernizações e novas plantas.

Santa Catarina é peça importante desta engrenagem. O Estado é o segundo que mais cultiva pinus (713.134 hectares). As companhias vêm apostando em Santa Catarina para crescimento. Desde 2019, a Berneck levantou uma nova fábrica de MDF em Lages (R\$ 850 milhões); a Guararapes construiu uma unidade em Caçador para produção de painéis de madeira (R\$ 1 bilhão); a Irani investiu em projetos de expansão de suas operações no Estado (mais de R\$ 700 milhões); e a WestRock expandiu planta de embalagens de papel em Três Barras (R\$ 1 bilhão). Este e outros exemplos, como a WEG, o agronegócio moderno e a Natura, reforçam que temos tudo para aproveitar as oportunidades que estão à mesa.

A atual desorganização da cadeia de suprimentos global abre ainda mais espaço para avanços. O planeta busca por fornecedores estáveis, confiáveis e sustentáveis que possam prover energia limpa e alimentos, entre outros produtos e serviços. Chance histórica para o Brasil transformar suas vantagens comparativas em ganhos de competitividade, fazendo da economia de baixo carbono e das necessidades mundiais um motor para nosso desenvolvimento verde. **ic**



Paulo Hartung

Presidente executivo da Indústria Brasileira de Árvores (IBÁ), foi governador do Espírito Santo (2003-2010/2015-2018)

“O setor de árvores cultivadas é um modelo que preza pelo uso inteligente da terra, respeito pela natureza e cuidado com as pessoas”

Ginástica Laboral

sesi + saúde

+ saúde no
seu trabalho

Com **exercícios rápidos** durante o trabalho, é possível mudar a rotina dos seus colaboradores para **melhor**, além de melhorar a sua **produtividade**.

Por que levar a Ginástica Laboral para sua indústria?



Melhora no bem-estar e na saúde física e mental



Redução de doenças ocupacionais e lesões por movimentos repetitivos



Diminuição dos custos médicos



Colaboradores + engajados

Saiba mais:





VENHA TRABALHAR NA INDÚSTRIA.



A indústria de SC é uma das mais modernas do Brasil.



Acesso à educação de alto nível.



Planos de carreira e desenvolvimento profissional.



Serviços de saúde para trabalhadores e familiares.

**Na indústria,
você vai mais longe
do que imagina.**

Se você nunca pensou em trabalhar na indústria, talvez você não saiba como é a indústria de Santa Catarina. Moderna, inovadora, surpreendente. Um setor que está transformando a vida de mais de 800 mil catarinenses que já trabalham aqui. Viva essa experiência você também. E vamos reinventar o futuro juntos.

FIESC

Accesse as redes sociais da FIESC e conheça a história de quem trabalha na indústria.